

O Ambiente do Artista



O Ateliê e seus Guardados

UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Julio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Mestrado

O ambiente do artista. O ateliê e seus guardados.
Liliane Pires dos Santos

São Paulo – 2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Julio de Mesquita Filho” Instituto de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Mestrado

O ambiente do artista. O ateliê e seus guardados.

Liliane Pires dos Santos

Trabalho equivalente submetido à UNESP como requisito parcial
exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes,
Área de concentração em Artes Visuais - Linha de pesquisa processos e procedimentos
artísticos, sob a orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira para a obtenção
do título de Mestre em Artes.

São Paulo - 2009

Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Artes da UNESP
(Fabiana Colares CRB 8/7779)

	Santos, Liliane Pires dos. 1971-
S237a	O ambiente do artista : o ateliê e seus guardados / Liliane Pires dos Santos. - São Paulo : [s.n.], 2010. 168f. ; il.
	Bibliografia Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes.
	1. Atelies de artistas. 2. Arte. I. Oliveira, Pelópidas Cypriano de. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título

CDD – 700

Aos meus pais, Raimundo e Anália, incentivadores das leituras.
Ao Marcelo Venturoli, meu companheiro de todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos a todos os meus amigos que estiveram comigo nessa trajetória, incentivando, aconselhando, indicando e até mesmo perguntando como iam as coisas.

Aos artistas que me receberam em seus variados ateliês, aceitando minhas perguntas e o vasculhar das suas coisas.

Aos artistas Alzira Cattony, Cida Ferreira, Cláudio Barros, Iole Di Natale e Valdo Rechelo, tão gentis em ceder um pouco de seu tempo e de seus lugares para as minhas curiosidades.

Ao meu orientador Professor Pelópidas Cypriano de Oliveira, que acreditou e me recebeu em sua van.

A todos os professores da UNESP que com suas disciplinas nos recebem e nos orientam para trilharmos o caminho do mestrado.

Aos colegas da van, do mestrado e desse caminhar.

Aos professores Clice de Toledo Sanjar Mazzilli e Sérgio Regis Moreira Martins, pela gentileza em aceitar participar de minha banca de qualificação e mestrado, me dando valiosas dicas e indicando caminhos.

Ao pessoal da secretaria da pós - obrigada especialmente a Marisa - por estar sempre a postos quando nasciam as dúvidas burocráticas.

Ao Marcelo Venturoli, meu querido companheiro que esteve comigo por todo o caminho me puxando quando necessário e me dando abrigo quando precisava.

Aos meus pais: minha mãe por sempre me incentivar e ao meu pai (em memória) por acreditar em meus sonhos.

De todo o meu coração:

OBRIGADA!

RESUMO

O ateliê é conhecido como o lugar de produção do artista e onde suas indagações são materializadas, pode ser um espaço construído e pensado para isto ou ser improvisado em algum canto, mas é resumidamente um lugar onde o fazer ocorre mesmo em pensamentos que lá fluem. Este ambiente de criação está repleto de objetos escolhidos pelo artista que coexistem e o torna propício a criação, um lugar cheio de memórias e escolhas estéticas e o que talvez fique depois da obra e do artista.

Esta pesquisa investiga os guardados do ateliê, como são eleitos e quais são suas influências na formação deste ambiente que se transforma com a arte, assim como tem o poder de transformação no artista e obra. O interesse é abrir estes espaços a novos olhares, investigar suas ações e buscas e como o lugar conta sobre a obra do artista e suas escolhas.

Palavras chave: atelier, guardados, lugar, espaço, artista.

ABSTRACT

The studio is known as the place of production of artist and where your key questions can be materialized. Can be a space built and thought to this, some may be improvised, but briefly corner is a place where do occurs even in thoughts that flows. This authoring environment is full of objects chosen by artist who co-exist and makes it conducive to creating a place full of memories and aesthetic choices and what might be after work and artist.

This research investigates the object of the studio, as they are elected and what are your influences on training environment transforms with art, as well as it has the power of transformation in the artist. The interest is open these spaces to new sights, investigate their actions and searches and how the place on the work of artist and your choices.

Keywords: studio, objects, place, space, artist.

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	09
2.	Lugar 1 – Espaço e lugar.....	17
2.1	A necessidade do lugar.....	18
2.2	O lar, a casa.....	22
2.3	A experiência do lugar.....	26
3.	Lugar 2 – Guardados.....	30
3.1	Objetos que contam histórias.....	31
3.2	Os Guardados no ateliê.....	35
4.	Lugar 3 – O ateliê.....	48
4.1	O lugar do artista.....	49
4.2	Olhando por trás da cortina do ateliê.....	55
4.3	Visitas a ateliês abertos.....	61
4.3.1	Ateliês São Paulo.....	64
4.3.1.1	Projeto Outubro Aberto.....	66
4.3.1.2	Projeto Arte na Vila.....	68
4.3.1.3	Abertura dos fornos Noborigamas/Cunha/SP.....	70
4.3.1.4	Ateliês abertos Paranapiacaba.....	73
4.3.1.5	Ateliês em Embu das Artes.....	74
4.3.2	Ateliês Paris.....	76
4.3.2.1	Ateliê Brancussi.....	79
4.3.2.2	Ateliê e jardim de Monet.....	82
4.3.2.3	Projeto Cent Quatre.....	84

5.	Lugar 4 – Entrevistas.....	87
5.1	O ateliê de Cida Ferreira – A extensão da cabeça artista.....	90
5.1.1	Questionário respondido pela artista Cida Ferreira.....	98
5.2	O ateliê de Alzira Cattony - O Refúgio.....	101
5.2.1	Questionário respondido pela artista Alzira Cattony.....	109
5.3	O ateliê de Iole Di Natale – A Gênese do trabalho	111
5.3.1	Questionário respondido pela artista Iole di Natale.....	119
5.4	O ateliê de Cláudio Barros – o mundo de visitas diárias.....	124
5.4.1	Questionário respondido pelo artista Cláudio Barros.....	132
5.5	O ateliê de Valdo Rechelo – A casa, o gato e o jardim.....	138
5.5.1	Questionário respondido pelo artista Valdo Rechelo.....	145
6.	Considerações finais.....	147
7.	ilustrações.....	151
8.	Bibliografia.....	156

INTRODUÇÃO

Posso dizer: Minha curiosidade me moveu até aqui.

Sempre tive uma imensa curiosidade de conhecer o interior dos lugares que eu chamava, quando criança, de transformadores de coisas. Eram oficinas, marcenarias e ateliês, que despertavam em mim um jogo de imaginação sobre como uma coisa podia se transformar em outra coisa. Dentro daqueles lugares havia mil ferramentas e objetos que só quem ali morava ou trabalhava sabia manusear, e a partir deles outras coisas eram criadas. O que será que a pessoa pensava ao criar estes objetos, o que passava por sua cabeça em determinados movimentos, como imaginava esta transformação? Já se transformando e pronto?

Lugares mágicos cheios de coisas que mexiam com minha imaginação. Objetos que se transformavam em outros: madeiras em móveis, ferros em objetos, telas em branco em obras de arte. Fascinavam-me as ferramentas que faziam essas transformações, cheias de marcas de uso, algumas muito velhas outras novas ou conservadas, era um mistério para mim seus manuseios e o que elas podiam contar. Mal sabia eu, que essa curiosidade me faria apaixonar pela arte e pelo fazer.



Foto ateliê Pablo Picasso 1944, Gilberte Brassai



Foto ateliê Pablo Picasso 1947, Gilberte Brassai



Foto ateliê Pablo Picasso 1947, Gilberte Brassai

Um dia, quando criança, minha professora de artes mostrou várias fotos do ateliê de Pablo Picasso, ele em volta com pessoas, objetos e obras de arte. Lembro-me de ter ficado encantada, era como se eu estivesse presente no fazer do artista, podia ver a obra quando ainda ela estava sendo gerado, além de poder conhecer o que o aquele lugar mantinha a sua volta. Percebi a janela, fiquei pensando no cachorro, vi a tela atrás virada de costa, um lugar meio bagunçado... Depois o quadro ao lado. Mágica e o tempo. Obra e objeto.

Cresci com este fascínio pelo ateliê e suas coisas, e sempre quando tive oportunidades visitei alguns. Descobri mais tarde que esta atração pelos lugares de criação, não era só minha, mas a maioria das pessoas leigas, admiradores de arte, críticos e outros artistas, tinham e têm este tipo de curiosidade sobre onde o artista passa seu tempo, quais e como são suas coisas e como é o lugar que ele trabalha.

O artista se cerca de todo tipo de detalhes para criar seu próprio mundo, é onde ele pode estar por inteiro, mas que ambiente é este, e o que ele mantém e guarda? Observando vários ateliês e obras, sempre me vem à mente perguntas sobre o lugar, objetos e a história que ali pode haver. Como tal objeto foi eleito pela pessoa, qual seu significado? Estes artefatos têm

realmente influência neste espaço? Podem eles moldar pensamentos ou mesmo resgatá-los? Podem ajudar na criação?

Nesta pesquisa procuro conhecer este ambiente, como ele é construído pelo artista e a obra e falar um pouco sobre os objetos que o cercam e que o ajuda a estabelecer de alguma maneira este lugar chamado ateliê. Estes objetos que eu considero como condutores de memórias, eu chamarei aqui, nesta pesquisa, de GUARDADOS.

Guardados são os objetos que mantemos perto de nós por alguma seleção: estética, emocional ou até financeira, mas também não é só isso. É o objeto que temos conosco e que por isso tem a nossa marca, conta histórias e acaba sendo um guardador de memórias. No ateliê é a linha tênue entre ofício e a criação, são os objetos e ferramentas que rodeiam o artista e o ajuda na contação de sua história com obras e vida.

Pensando que cada objeto traz em si fragmentos de memórias, podemos entender seu vínculo com a pessoa, Dulce Critelli em seu livro analítica do sentido, nos coloca sobre o objeto em si, visto pela fenomenologia:

Em si mesmas as coisas não são coisa alguma. Elas só são o que são porque podem acoplar múltiplos significados que não lhes são intrinsecamente inerentes, mas lhes vem desde mundo, dos

relacionamentos interpessoais... Sem significados as coisas são vazias, embora patentes. As coisas não são meros troços em si e por si mesmas, mas são aquilo que elas significam e como elas realizam esta significação. (CRITELLI, 1996)

Quando me proponho ter um foco sobre o ateliê do artista e seus guardados, pretendo contribuir com uma reflexão sobre o espaço criador e de como foi escolhido e montado pelo artista determinado ambiente para a criação de seu trabalho, já que a partir deste lugar que a obra se faz acontecer.

É importante frisar que minha intenção não é afirmar que o ateliê seja um lugar sagrado ou de extrema importância para a criação artística, mas sim, estudar como este ambiente é transformador no artista e obra e principalmente desbravar o espaço com seus guardados e semeadores de idéias. Mesmo porque o ateliê como o único lugar de criação possível, não é o que acredito. Para mim a obra acontece primeiro na cabeça do artista, que este sim é o primeiro ateliê, e depois conforme as circunstâncias e necessidades, e mesmo para poder se transformar em objetos palpáveis, vai adquirindo seus espaços e formando lugares.

Segundo Yu Fu Tuan, para o ser humano, a transformação de espaços em lugar, se dá conforme o acréscimo

de sentimentos e afetos, onde tudo conta uma história. (TUAN, 1973). O ateliê é um espaço que vai nos contar muitas coisas, pelos seus objetos e pelas suas obras. Por isso considero nesta pesquisa o ateliê como lugar, não simplesmente um espaço. Não pretendo falar dele simplesmente como obra arquitetônica, mas ambiente construído primeiro através das afetividades, sensações e memórias.

Para um melhor desdobramento do assunto, vou me ater ao ateliê clássico conhecido desde meados do século XIV e que permanece ainda como o espaço conhecido do artista para a criação, independente do nome que poderá agora com a arte contemporânea surgir e do tipo de ateliê que pode, conforme a época, circunstância ou proposta do artista, ser a mesa da cozinha, um espaço nas áreas que sobram dentro do lar, uma sala alugada e dividida com mais pessoas ou até um bloco de anotações. Minha intenção mesmo é poder dissecar um pouco o espaço do artista, seus objetos e entender seu lugar.

Para responder minhas perguntas, escolhi visitar e fotografar alguns ateliês e entrevistar alguns criadores atrás de respostas sobre seus lugares, seus guardados e como estes ambientes foram criados. A primeira intenção era entrevistar artistas de várias linguagens, porém percebi que poderia sair muito do foco ou estender muito a pesquisa, por isso fiquei com

artistas ligados a artes visuais por ser também a minha área de trabalho e pesquisa. Foram cinco artistas entrevistados, procurei por pessoas que de alguma forma possuem o ateliê há algum tempo, tendo assim um maior vínculo com o espaço. Foram cinco artistas atuantes em suas áreas, com muitas exposições e trabalhos artísticos variados.

Visitei e entrevistei:

*Alzira Cattony, origamista.

*Cida Ferreira, artista plástica e cenógrafa.

*Cláudio Barros, artista plástico.

*Iole Di Natale, artista plástica, com ateliê de calcografia.

*Valdo Rechelo, artista plástico.

Também visitei muitos projetos de ateliês abertos em vários locais e cidades, aqui no Brasil em São Paulo e na França em Paris. Foram visitas como público comum, mas em alguns tive a oportunidade de fotografar, além de conversar informalmente

com o artista. E para complementar, estudei vários diários e biografias de artistas e seus ateliês.

Eu dividi a estrutura desta pesquisa em quatro partes, na primeira parte, comento sobre o espaço e lugar do ser humano e sua ligação com seus objetos e ambientes. Na segunda sobre os guardados, como se tornam tal e como também ajudam a construir o espaço de criação. Na terceira parte vou discorrer sobre o ateliê como ambiente do artista e como são entendidos seus vários desdobramentos, além de comentar sobre minhas visitas informais a projetos e ateliês abertos. E finalmente, na quarta parte estão minhas visitas e entrevistas com os artistas em seus lugares de criação.

Nesta pesquisa vou citar as palavras lugar e espaço de formas diferentes entre elas. Estou utilizando as reflexões de Yu Fu Tuan, geógrafo chinês radicado nos Estados Unidos, que estuda o lugar e o espaço do ser humano com um olhar que vai além de estudos topográficos. Usando várias disciplinas como antropologia, arquitetura, psicologia e história, o autor tem um olhar humanista sobre a experiência humana no mundo. Utilizo-me também dos estudos fenomenológicos na arquitetura de pesquisadores e arquitetos como Otto Friedrich Bollow e Christian Norberg-Schulz, onde o espaço e o lugar são discutidos como forma de entendimento dos sentimentos e

sentidos humanos, para a criação de habitat. E para falar sobre os espaços íntimos e objetos procuro seguir os pensamentos fenomenológicos de Gaston Bachelard e Heidegger. Além das reflexões de críticos e historiadores da arte e de vários artistas sobre seus processos de trabalho e ateliês.

Por ser uma pesquisa sobre objetos e seus lugares, houve uma necessidade de se tornar bastante visual, e apesar de não ser um trabalho fotográfico e sim de registros, uso a fotografia como um meio de mostrar o meu olhar sobre o lugar e os guardados dos artistas visitados.



LUGAR 1 ESPAÇO E LUGAR

A NECESSIDADE DO LUGAR

Todo ser humano procura seu lugar, o seu assentamento no mundo, um espaço onde ele possa se identificar, se proteger e sentir acolhido.

Podemos começar imaginando o homem pré-histórico e como e quando criou o seu lugar. Um espaço onde ele se reconhecia e poderia se proteger criando seus rituais cotidianos e os mágicos. Era seu território para dormir, comer e guardar coisas.

Quando o ser humano se sentiu entre as adversidades da natureza, procurou em primeiro lugar entender o que se passava a sua volta, criando explicações místicas e científicas. Este homem procurou se adaptar ao seu meio e mais tarde dominar o que podia com habilidades e tecnologias que com seu poder imaginativo e de adaptação foram cada vez mais sendo inventados, começou assim a criar seu mundo que ainda procurava entender.

A necessidade social e de abrigo, é compartilhada por muitos animais, além do homem, alguns pássaros, insetos, peixes e mamíferos criam abrigos e convivem socialmente para se proteger e cuidar de sua prole. Contudo o ser humano se destacou na evolução da criação de seu lugar, é quando se

LUGAR s.m. (do lat. *localis, de lócus.*) 1. Porção delimitada de um espaço, de uma superfície 2. Local adequado para determinado fim 3. Local, sítio, posto.

Grande Dicionário
Laurosse da Língua
Portuguesa.



considera que o homem criativo e sensível surgiu, tendo o cuidado de deixar sepulturas marcadas e túmulos coletivos assinalados por decorações rudimentares, mas especiais. “os seres humanos ‘descobrem’ o outro mundo... deixavam, ao lado dos corpos utensílios e objetos que deviam a ajudar em outra vida” (DE MASI, 2000). Não existe outro animal com tal preocupação pelos mortos, como há com o ser humano.

Pouco depois de se ter descoberto a trilha do homem no mais antigo dos acampamentos ou dos instrumentos de pedra lascada, encontra-se a prova de interesses e inquietações que não têm correspondente animal; em particular, uma cerimoniosa preocupação pelos mortos, manifestada em seu sepultamento deliberado – com evidências cada vez maiores de piedosa apreensão e temor. (MUMFORD, 2004)

Antes do ser humano criar seu lugar no mundo, ele já reivindicava este lugar para os seus mortos. Mesmo tendo que ter um raio de ação muito grande para sua sobrevivência (caça e o recolher de frutos) e não podendo se prender a uma habitação fixa, o lugar do morto era preservado e reverenciado. Os mortos foram os primeiros a ter sua morada permanente. O seu lugar no mundo.

Mais tarde com o invento da agricultura e da domesticação de animais, o ser humano pôde ter seu próprio domínio, não necessitava tanto sair por ambientes desconhecidos em busca do alimento ou proteção, isso trouxe o conforto de permanecer num mesmo lugar sem precisar percorrer grandes distâncias para as necessidades mais básicas.

A permanência num mesmo habitat também manteve o convívio com outros. A vantagem foi a proteção ao clã, da família e do lugar escolhido como morada. O ser humano se reconhecia cada vez mais entre os seus pares e sua terra e se descobriu cada vez mais próximo do que chamamos hoje de nosso lar.

Esta construção de um novo mundo com todas suas possibilidades e incertezas, trouxe ao homem outra organização de seus pensamentos e origens, tudo a sua volta podia se conectar com suas antigas crenças e transformá-las em novas. Com seus domínios se instituíam povos e culturas diferentes e isso se explicitava em seus espaços que começaram a obedecer a regras especiais conforme seus pensamentos e crenças. O aparecimento e o aprendizado das construções de habitação, convívio e lugares sagrados trouxeram o novo olhar para os espaços, designando funções para cada área escolhida. Os povos

“É um elemento real, uma presença em tudo que concebemos. Tudo é espaço, em tudo esta penetra.”

Anna Bella Geiger in AYALA, Waldir. A criação plástica em questão. 1970. São Paulo: Vozes.

antigos começaram a dar importância para o ambiente escolhido para sua morada.

Na antiga Roma, por exemplo, existia um conceito que se referia à essência do lugar: *GENIS LOCI*, o espírito do lugar. Acreditava-se que todos os seres possuíam um espírito guardião, que determinava sua essência desde o nascimento à morte. O espírito que daria vida as pessoas e lugares.

A estrutura do lugar poderia até modificar-se, mas sua essência não, o *genius loci* não mudaria. Por isso a importância de se entender seu lugar, sua morada e sua posição no mundo que vivia.

O *genius* denota o que uma coisa é, ou o que “ela quer ser”[...] Os antigos reconheciam a suma importância de entrar em acordo com o *genius* da localidade onde viviam. (SCHUZ, 2007)

Tudo levou com que o homem procurasse seu abrigo no mundo com sua essência e a necessidade de saber onde se esta, de identificar-se com seu meio, de entender e aceitar seu *genius loci*. E antes de qualquer outro espaço, foi na sua casa que o homem pôde se sentir por completo e guardar todas as memórias e os seus sagrados.

O LAR, A CASA

Casa
É seu único lugar no
mundo
Que é seu abrigo
A sua casa
Que traz a liberdade
Em clima de felicidade
Onde pode ficar nú!
Onde pode ficar
Onde pode ficar nú!

Cidade Negra: Toni
Garrido / Lazão / Da
Gama / Bino

A casa é mais que um espaço para dormir e comer, é onde podemos nos sentir mais completos.

Necessitamos de um espaço nosso, onde podemos nos multiplicar, unificar e ser. Começa-se a criar estes lugares reunindo em volta coisas reconhecíveis, memórias seletivas e lembranças perceptivas. O homem precisa deste lugar de existir, ser ele mesmo, que pode de ser o país, a cidade, o bairro, a rua, a casa, o quarto, a cama. Cada um destes espaços vai tornando-se lugar, a partir do momento que nos reconhecemos nele e vão se tornando mais lugar ainda, conforme vão se aproximando em coisas mais reconhecíveis e só nossas. A casa é o maior exemplo, é lá que se pode estar mais próximo de si mesmo, é lá que está o centro de nosso mundo.

Dentro desse espaço, construímos nosso lar que se constitui de cheiros, sons, texturas e coisas que podemos reconhecer. A morada é tida como o nosso lugar no mundo, sem esta nos sentimos perdidos e sem estrutura perante a sociedade. Como Bachelard comenta em A poética do espaço: "Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo." (Bachelard, 1998)

A casa, em nossa cultura ocidental, nem sempre foi o que conhecemos hoje, ela se modificou muito conforme as

CASA s.f. (do lat. casa)
1. Edifício destinado a habitação, vivenda, morada, domicílio, residência. 2. Conjunto das coisas que se relacionam com a vida doméstica.

Dicionário Larousse da língua portuguesa.



necessidades que mudaram com o homem. A morada no princípio foi proteção às intempéries do mundo e ao desconhecido: animais e tempo, depois se tornou a reunião dos clãs e a proteção a família, além do lugar apropriado para os ofícios.

A habitação até o século XVIII, não era só a moradia, mas também onde as relações de trabalho aconteciam. Não se separava em cômodos, era adaptada conforme as necessidades da ocasião, cadeiras, mesas e camas se locomoviam pelo ambiente conforme o momento familiar. Com as revoluções que surgiam outras relações com a casa aconteciam, famílias e maneiras de se tratar a intimidade foram modeladas com as novas formas de se pensar a morada. A revolução industrial foi uma dos períodos mais marcantes para a renovação da relação com o lar, suas máquinas e produção em massa trouxe não só uma nova analogia do homem X trabalho, mas também de todo o viver social humano e a função da casa foi uma dessas principais mudanças.

Com as alterações da relação entre o habitar e trabalho, a casa foi adquirindo outras funções e modificando sua maneira de acomodar seus moradores. Separando o ofício com o morar, seus habitantes começaram a passar um tempo fora da

sua residência voltando horas depois, a casa agora adquiria só a função de habitação.

É óbvio que as fábricas são resultados da revolução industrial, mas raramente pensamos que os lares, tal como conhecemos hoje, são uma criação da mesma revolução. Antes, a maior parte da produção e do comércio eram realizadas nas residências dos artesãos, comerciantes ou profissionais envolvidos, e compreendia-se a casa como um lugar que incorporava o trabalho às atividades habituais de morar, comer, dormir e assim por diante. Porém, quando o trabalho foi removido para as fábricas, escritórios ou lojas, o lar tornou-se um lugar exclusivamente para comer, dormir, criar filhos e desfrutar o ócio. A casa adquiriu um caráter novo e diferenciado. (Forty, 2007)

Dentro do lar, homens e mulheres dividiram suas tarefas e teve o princípio de ser tornar um dos lugares mais ambicionados do ser humano, já que dentro de sua casa, consegue-se proteção para si e aos seus. Foi uma maneira de se separar a figura opressiva do trabalho em fábricas e escritórios e manter a casa com um novo caráter para desfrutar o ócio. (FORTY, 2007)

A casa mantém sua figura protetora, mesmo quem vive de maneira subumana, em barracos ou palafitas, tem em

mente que pelo menos ali pode manter suas pequenas coisas e memórias. É a maneira humana de se colocar perante as adversidades do mundo. “Seu microcosmos que possui uma clareza que falta aos aspectos naturais” (TUAN, 1983).

A EXPERIÊNCIA DO LUGAR

O lugar do homem no planeta Terra vai além do espaço geográfico e concreto. Aprendemos o mundo usando uma perspectiva psicológica, de aptidões, necessidades e capacidades. Experimentamos e aprendemos nosso ambiente de três maneiras que se entrelaçam:

1. De forma biológica; com o corpo e suas posturas – alto e baixo, frente e costas, direita e esquerda, etc. , e como isso se comporta com o espaço circundante;
2. De forma relacionais; que são as experiências do espaço e de valores adotados, transformando o espaço em lugar;
3. As experiências de conhecimento que podem ser íntima e direta ou conceitual e indireta.

Aprendemos com toda nossa vivência que é constituída de sentimentos e pensamentos, além de nossos sentidos: visão, olfato, tato, paladar e audição. As influências biológicas e emocionais vão fazendo com que percebamos e entendemos nosso meio.

Além disso, temos claro, influências culturais sobre nossa percepção do espaço, ela não é a única, mas é inevitável, e é antes de tudo um jeito de ver e entender. Culturalmente cada

pessoa e povo têm seu próprio jeito de medir e dar valor ao espaço, mas basicamente o homem organiza seu meio a partir das necessidades e relações. Com nossos valores espaciais formamos e vemos o mundo, usamos frente, atrás, acima, embaixo, deitado, ereto, esquerda, direita, etc. e cada cultura, especialmente entre a ocidental e oriental, podem ter relações diferentes com estas orientações, afinal toda pessoa está no centro de seu mundo, e o espaço circundante é diferenciado de acordo com o esquema de seu corpo. (TUAN, 1983).

O antropólogo Edward T. Hall, afirma:

[...] por mais que o ser humano se esforce, é impossível para ele desfazer-se de sua própria cultura, pois ela penetrou até as raízes de seu sistema nervoso e determina como ele percebe o mundo. A maior parte da cultura mantém-se oculta, fora do controle voluntário, compondo a trama do tecido da existência humana. (HALL, 2005)

O primeiro lugar do homem é a barriga da mãe, acolhedora e proteção do mundo exterior. Quando já saído do ventre materno o ser humano vai reconhecendo e formando seu habitat. Reconhecemo-nos primeiro em nossos pais, depois no próprio corpo e com o passar do tempo identificamos o lar e o ambiente cotidiano, a partir vamos criando nosso lugar no

mundo. Segundo Tuan: “A idéia de lugar torna-se mais específica e geograficamente à medida que a criança cresce. As localizações são mais precisas. Seu interesse se foca primeiro na pequena comunidade local, depois na cidade e para a nação.” (TUAN, 1983).

O lugar pode ser a casa, a rua, o bairro, a cidade, etc., conforme seu distanciamento e proximidade do que é reconhecível e basal para você. Quando nos deslocamos pela cidade e vamos saindo de ambientes conhecidos vamos nos afastando de nossos lugares e indo para outros espaços, que poderão ou não se tornar outros lugares. Christian Norberg-Schulz (2006), exemplifica isso:

[...] o que se quer dizer com a palavra “lugar”? É claro que nos referimos a algo mais do que uma localização abstrata. Pensamos numa totalidade constituída de coisas concretas que possuem substancia material, forma, textura e cor. Juntas, essas coisas, determinam uma “qualidade ambiental” que é a essência do lugar... Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo “total”, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta. (NORBERG-SCHULZ in NESBIT, 2006)

Além do ser humano, muitos animais criam sua morada, mas só o homem tem a consciência dessa construção do mundo, modificando e acrescentando coisas conforme seus desejos ou necessidades. O ser humano necessita, além disso, criar espaços míticos, que é uma resposta aos sentimentos e a imaginação humana, pode ser histórias a partir do não conhecimento científico ou ser nossa mente reconhecendo valores dos lugares. A criação desses espaços míticos vai transformando o centro do cosmos em muitos centros contendo várias partes, cada uma simbolizando o todo e tendo toda sua potência. A pequena parte que espelha o grande e torna-se acessível a todos os sentidos humanos.



LUGAR 2 GUARDADOS

OBJETOS QUE CONTAM HISTÓRIAS

De todas as obras humanas, as que
mais amo
São as que foram usadas.
Os recipientes de cobre com as
bordas achatadas e com mossas
Os garfos e facas cujos cabos de
madeira
Foram gastos por muitas mãos:
tais formas
São para mim as mais nobres.
Assim também as lajes
Em volta das velhas casas, pisadas
e
Polidas por muitos pés, e entre as
quais
Crescem tufo de grama: estas
São obras felizes.

Admitidas no hábito de muitos
Com frequência mudadas,
aperfeiçoam seu formato e
tornam-se

Valiosas

[...]

Bertold Brecht

O homem em alguma parte da pré-história separou algo para manter consigo: uma pedra mais roliça ou colorida, algum osso de animal, ferramentas produzidas, etc., era o início do homem sensível e do homem utilitário. A partir daí, vieram as ornamentações, as novas utilidades para o material de sempre, algumas lembranças e coisas acumuladas pelo tempo.

Sabemos que guardamos em nossa mente, alma e imaginação muitas coisas que se passaram conosco e muitas dessas lembranças podem ser atingidas ou revividas através de objetos especiais que porventura mantemos. Algumas pessoas não gostam de se lembrar do passado, outras não tem objetos supérfluos e muitas não podem nem possuir coisas, mas é inerente ao ser humano ter por perto alguns objetos que considera especiais.

Criamos ambientes e colocamos neles coisas que nos ajudam: ferramentas para o trabalho, lazer, cotidiano, lembranças. Nossos lugares no mundo estão repletos de nossas histórias que são contadas pelos objetos que elegemos para estar conosco. Christian Norberg-Schulz, comenta:

OBJETO s. m. (do lat. escolástico *objectum*.) 1. O que se apresenta à vista; o que é apreendido pelo sujeito do conhecimento. 2. Tudo o que fornece matéria a uma ciência, a uma arte, a uma obra literária. 3. Tudo que se apresenta ao espírito, que se oferece ao pensamento. 4. Bem material fabricado para tender a determinado uso.

Grande Dicionário
Larousse da Língua
Portuguesa

[...] os ambientes criados pelo homem incluem artefatos ou “coisas” que servem de focos internos e sublinham a função de reunião de assentamento. Nas palavras de Heidegger: “*the thing things world*” (a coisa reúne o mundo). (Norberg-Schulz, in NESBITT org., 2006)

Querendo ou não, nossa história está atrelada com os utensílios que criamos para sobreviver, viver e guardar memórias. Conservadores, modernos, contemporâneos ou simplesmente uma miscelânea de tudo, não há possibilidades do ser humano não carregar algo consigo, mesmo aquele desprendido do mundo material, tem algum objeto que mantém, para sobrevivência e/ou para memória afetiva. Talvez não percebamos, mas todos nossos objetos contam muito o que somos e o que acreditamos.

Os guardados são esses objetos que estão ao nosso redor, são os fragmentos das vivências e do cotidiano presente em uso das coisas e que nos ajudam a compor o mundo em nossa volta e estão repletas desses vestígios. A fenomenologia vê o objeto não só como o ente que se manifesta, mas como o ser que nele se apresenta através de nossa percepção e do nosso próprio ser no mundo. Para a fenomenologia, é um equívoco não entender o ser dos entes, porque é como se fosse possível a

“É o sonho de ter aquelas ferramentas todas, aquelas bugigangas todas, lá, estocadas. Enfim, coletadas. Basicamente é isso, ter paz, inspiração e ferramentas.”

Artur Omar in LEAL. Ateliês do Rio de Janeiro, 2003. Rio de Janeiro: Pactual.

“Aqui é também meu depósito de memória, onde está tudo armazenado.”

José Bechara in LEAL. Ateliês do Rio de Janeiro, 2003. Rio de Janeiro: Pactual.

independência do homem. O ser das coisas está no ser do homem no mundo, interagindo com tudo e as coisas só são no mundo da existência humana. Dulce Critelli comenta:

Para a fenomenologia, o ser dos entes que ela busca conhecer se mostra através dos entes; não está por trás do que se manifesta, mas coincide com sua própria manifestação [...] Mas estes entes são apreendidos como entes ou coisas *no mundo* e não como coisas em si. Só assim o ser se torna acessível: não pertence à coisa como seu próprio atributo, mas a uma trama de relações significativas que a precede e sustenta. (CRITELLI, 1996.)

Os objetos de uso vão viabilizar nossa forma de habitar o mundo, seu desgaste determina sua duração e podem até chegar a gerações futuras contando suas serventias, como eram usadas e as vidas de quem as usavam. Os objetos nos fazem relacionar no mundo e com os outros e revelam o sentido na existência do homem no seu tempo. O objeto não existe sem nossa participação, mas não é só uma mera coisa.

O caráter desses artefatos está no seu uso. É quando ele marca em si nossa presença, e pode através disso se tornar mais que uma coisa guardada, mas um memorial do que fomos,

somos e escolhemos para ter ao nosso lado. É um modo de contar sobre nós ao mundo, agora ou num futuro qualquer.

Eclea Bossi falando sobre as memórias dos mais velhos relaciona nosso lugar no mundo com os objetos que nos cercam e comenta sobre os utensílios de nosso cotidiano:

Quanto mais votados ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam. (BOSSI, 1999.)

Percebemos a habitação de um lugar através de certas marcas de uma vida viva (BOLLNOW, 2008). As coisas irradiam a vida e escolhas, são elas que tornam um espaço num lugar, trazendo segurança e conforto para quem o construiu com seus afetos e memórias e mesmo para quem entra nesse ambiente poder conhecer a expressão do habitante.

OS GUARDADOS NO ATELIÊ

Coisas
 Não só me tocaram
 ou as tocou minha mão,
 mas acompanharam
 de tal modo
 minha existência
 que existiram comigo
 e foram pra mim tão existentes
 que viveram comigo meia vida
 e morrerão comigo meia morte

Pablo Neruda

Quando iniciei esta pesquisa me detive muito no aspecto particular dos guardados no ateliê, por que geralmente é um espaço de trabalho de criação intenso e que guarda ferramentas, objetos para estudos e obras acabadas ou não, porém percebi que é muito mais que isso. Os objetos que cercam o artista são linhas tênues para sua criação, e podem ser considerados partes de seu repertório e pedaços de sua investigação particular sobre o todo.

Muitas vezes, o artista mantém objetos e ferramentas numa tentativa de dominar a técnica de todo o fazer, porém muitas outras vezes estes mesmos objetos se tornam pontes para os acasos de criação e as novas investidas criativas.

Quando olhamos de perto o espaço do ateliê podemos perceber que cada ação ali é pensada para tal acontecer. A bagunça organizada ou a organização dentro da bagunça, tudo e todos os objetos são dispostos para ajudar o dia a dia, a facilitação do processo de trabalho ou lazer daquele ambiente. É quando verdadeiramente o espaço se torna lugar, guardando em si afetos e histórias.

Na ambientação desse espaço que passa pelo artista, devemos lembrar que nada é aleatório. Nas minhas investigações e conversando com vários artistas, sempre tive a resposta do

GUARDADOS s.m.
 pl. Bras. Pequenos
 objetos pessoais
 que se guardam
 numa gaveta, cofre,
 etc.

Grande Dicionário
 Larousse da Língua
 Portuguesa

“- nunca ousei jogar fora uma caixa de fósforos, aliás nem uma caixa de cigarros. Conservo-os, amonto-os.”

Picasso in BRASSAÏ, Gilbert. Conversas com Picasso, 2003. São Paulo: Cosac&Naify

objeto escolhido não só pela beleza, mas também por algo a mais, inexplicável. E a beleza aqui, vai além do que se costuma achar belo: são pedras, flores mortas, papéis amassados, pedaços de madeira, embalagens vazias, etc.

O artista quando coloca certos objetos dentro de seu lugar, procura dar ênfase não só aquilo que vai ajudá-lo na parte física do projeto como as ferramentas, mas também na parte do seu processo poético, no que pode auxiliá-lo a realizar sua criação, seu modo de pensar e fazer. Ele como criador, acaba tendo estas escolhas na sua própria busca, seja ela artística, estética, filosófica ou por crenças. Suas coletas e guardados ficam pelo ateliê não só por deleite estético, como também para ser uma espécie de memorial para a construção de seus trabalhos, objetos que aparecem ou não em suas obras.

Cecília Almeida Salles exemplifica:

O processo vai assim desenvolvendo-se nesse ambiente sensível. Podemos, então, entender os “estímulos de escritório” (Leminski, 1987), que são trazidos para o espaço de criação como propiciadores de sensações: fotos, objetos ou qualquer outra coisa que interesse ao artista. (SALLES, 2004)

“- Meu ateliê tem um pouco de tudo e muito de coisa nenhuma [...]”

Artur Omar in LEAL, Ateliês do Rio de Janeiro. 2003. Rio de Janeiro: Pactual.

Mesmo dentro de uma casa a “coleção” de objetos, é sempre algo a realizar não só pela beleza, mas principalmente pela memória e imaginação. O objeto armazena nossa existência através do cotidiano. Gaston Bachelard diz:

espaço que duplicamos com a consciência de nossa existência [...] Cada objeto investido de espaço íntimo transforma-se, nesse coexistencialismo, em centro de todo o espaço. Para cada objeto, o distante é o presente, o horizonte tem tanta existência quanto o centro. (BACHELARD, 1989)

São os guardados particulares, que num outro espaço não contam nada, se tornando ou um simulacro ou só num deslocamento de uma coisa que não aquela daquele lugar. Por isso, são objetos únicos e particulares, não coisas enfiadas numa gaveta ou armário, são elas que nos contam histórias singulares de quem os possui, fazendo assim um espaço se tornar lugar. “Só um pobre de espírito poderia guardar uma coisa qualquer, de qualquer maneira, em um móvel qualquer, isso indica uma enorme fraqueza da função habitar.” (BACHELARD, 1989)

O habitar que nos dá um sentido de proteção. O ateliê se torna lugar à medida que vai construindo o mundo particular do artista e mantém suas coisas e ferramentas prontas num

“Ao mesmo tempo que preciso de solidão, preciso de uma certa desorganização física, um desarranjo que tem meu escritório...peço que respeitem meu caos. É um lugar sagrado para o escritor.”

Patrícia Melo in CHIODETTO, Eder. O lugar do escritor. 2002. São Paulo: Cosac&Naify.

“O estúdio, assim como a casa, faz conhecer a verdadeira origem do desenvolvimento de uma obra.”

Beatriz Milhazes in LEAL, Ateliês do Rio de Janeiro, 2003. Rio de Janeiro: Pactual.



Ateliê Giacometti

2009 Web



Ateliê Paul Klee

2009 Web

ritmo próprio para o trabalho, criando e mostrando suas verdades ele guarda afeições e marcas próprias.

Muitos artistas contam sobre estas coisas que elegem para si como ponte para criação, Jean Genet quando de suas visitas ao ateliê de Giacometti, narra sobre os objetos que cercam o artista enquanto trabalha: “sobre o objeto que cria seu espaço infinito”, (GENET, 2003) e como estes elementos envolvem o artista e cria a atmosfera do ateliê e de suas obras. “Cada objeto ali eleva-se como um ser que olha o artista: Se olho para o armário a fim de saber afinal o que ele é, elimino tudo o que ele não é.” (GENET, 2003).

Algumas vezes escolher e ter algo para si e para compor seu ambiente de trabalho não é uma escolha lógica, mas algo que chama, não de maneira compulsória pela compra, porém de um jeito que pode moldar ou ter conotações com a poética e obra do artista. Paul Klee em uma parte de seu diário conta: “-uma mesa de modelar, gesso. Para quê? Simplesmente comprei!”, ou em outra passagem; a montagem de seu ambiente de trabalho para a praticidade e o conforto:

[...] não é de se recusar um certo conforto, ainda que talvez um tanto insidioso. Um quarto de trabalho muito simpático, aquecido. A avó de Lily presenteou-nos com uma enorme *chiffonnière* no melhor estilo

“O meu espaço é totalmente emocional, nunca é racional.”

Darel Valença Lins in AYALA, Walmir. A criação plástica em questão. 1970. São Paulo: Vozes.



Ateliê Henry Moore

2009 Web



Carretéis, 1958 Iberê Camargo

2009 Web

empire burguês; as muitas gavetas servem para colocar em ordem meus objetos de trabalho. (KLEE, 1990)

É interessante perceber como o ter e manter coisas, que parecem inúteis para muitas pessoas, para o artista é quase como ter ferramentas a disposição o tempo todo, já que esses guardados acabam sendo na verdade parte do processo criativo, são partes vindas de vários lugares, do cotidiano e de sua vivência e que podem aparecer na obra ou ser um dos motes criativos.

Em levantamentos históricos sobre épocas, poéticas e obras de artistas sempre há buscas sobre objetos e lugares que viviam ou visitava, suas anotações, livros, objetos e maneiras de viver. Cada busca desses pedaços de memórias passa pelas pequenas coisas que cerca o território criativo, como uma maneira de entender e fazer um esboço de quem seria este artista.

Há vários desses legados em museus e fundações de artistas, são ferramentas e coisas variadas que de uma forma ou de outra contam sobre suas obras e lugares. Muitas curadorias usam desses objetos para mostrar de alguma forma a trajetória artística e poética do artista e assim complementar a exposição de uma forma didática.



Ateliê Factory | Andy Warhol 2009 Web



Caixa dos "guardados" de Andy Warhol 2009 Web

A exposição retrospectiva de Iberê Camargo, na Pinacoteca do Estado em São Paulo em 2003, por exemplo, montou uma vitrine onde estavam seus carretéis (forma tão emblemáticas em suas pinturas), pincéis e godês. Esses artefatos acabam tendo identidades próprias, pois são eles que foram manuseados e usados pelo artista e que carregam consigo um pouco dele. É isso que faz os carretéis de Iberê Camargo serem diferentes de qualquer outros, é o que os tornam especiais.

Hoje, na Fundação Henry Moore, na Inglaterra o memorial do escultor Henry Moore é uma parte importante da mostra de seu processo criativo. O artista mantinha várias coisas recolhidas numa espécie de pequena amostragem de formas da natureza, são pedras, ossos e sementes recolhidos pelas paisagens que o cercava, e que eram usadas como estudos das formas em esculturas que criava.

Outro exemplo dos guardados como algo que transporta histórias e pensamentos do artista são as caixas de Andy Warhol que ele chamava de cápsulas do tempo, nelas eram colocadas quase todas das coisas que passavam por ele em seu ateliê *Factory*, com a idéia de manter uma espécie de arquivos de sua época pop e assim transformá-las numa obra de arte. São coisas variadas e que criaram por si só um entendimento do que estava próximo do processo criativo de Warhol.

“[...] Lá dentro os universos se acumulam debaixo de poeira, não quero que nada saia do lugar, porque é ali que vou poder encontrá-los, ainda que de uma outra maneira, num outro tempo. Eu preciso de um estúdio aonde não vá quase ninguém, onde possa existir o vazio, para que eu possa sentir a minha relação com o trabalho que está sendo pensado. O estúdio é o meu lugar de pensar [...]”

Antonio Dias in LEAL. Ateliês do Rio de Janeiro. 2003. Rio de Janeiro: Pactual.

Pablo Picasso, também mantinha seu ateliê atulhado de objetos que ele recolhia ou guardava, numa das conversas com Brassai ele diz: “ - nunca ousou jogar fora uma caixa de fósforos, aliás nem uma caixa de cigarros. Conservo-os, amontô-os.” (Picasso in BRASSAI, 2000) e o fotógrafo completa:

Os bolsos sempre estiveram demasiado cheios de chaves, de canivetes, de fósforos, de cigarros, de isqueiros, de cordões, de pontas de papelão e, conforme o acaso dos lugares, dessas coisas tão vulgares e tão raras, tão banais e tão maravilhosas quanto podem ser um seixo, uma concha, um pedaço de madeira ou de cortiça, uma raiz, um fragmento de vidro corroído pelo mar, para aquele que nelas já vê a imagem latente de uma pomba, de um touro, de um mocho, de uma cabeça de carneiro. (BRASSAI, 2000)

Há muitos outros exemplos pelo mundo de objetos de artistas mantidos para se contar a história e devemos saber que muito do que conhecemos hoje sobre arte de muitas épocas devemos a esses guardados tão particulares do ateliê, foram eles que mantiveram nossa curiosidade ativa e saciada, nos contando sobre esse território tão particular do artista.



NOTAS

Muitas cores para acontecer nas telas do Cláudio e Suenos.

~~Formas~~
~~Ferimentos~~
Anotações soltas



Banana no Ateliê de Iole Di Niche
objetos à não prontos para
Trabalhar com a artista...

CAIXA DE
PUCOTES
NO ATELIE DE VALDO
RACHELO

Formas
e cores



Minhas lembranças
de infância
na
minha
Biblioteca





NOTAÇÕES

Ateliê com as histórias

→ Imagens, cartões, memorial de Alzira Cattany

Os guardados de Cida Ferreira
Máscaras,
Objetos, os
Livros e ideias...

No ateliê de
Alzira Cattany
o filtro que
está sempre com
ela sem perceber





Canetas
Lapis
Lixas
Materiais
que nos
acompanham.



O gatinho Otelo (em
memória) Acompanhando
minha visita à Cida
Ferreira.

Alguns recortes e desenhos
esperando para sair das caixas de Cida
Ferreira.



Quê parte desta pesquisa se formou:
MEU ESCRITÓRIO/ATELIE



INDICAÇÕES

→ Minha caixa de guardados, espelho
aparece em alguma
colagem.

Banca de trabalho de Alícia Catroux
→ papéis Tomado Forma tridimensionais
Papel e cores.

Material em uso, aconteceu junto com a obra
A marca do manuseio do artista
(Ateliê Cláudio Barros)

Tecido no Jã Meite



ANOTAÇÕES

→ Folhas secas
Papel
Pequenos fragmentos
Tubo vira obra.

(Valdo Reche do Ateliê)

← Colimbas e malhas próprias do Valdo Reche do

Tintas virando matéria
as cores das telas de
Cláudio Boreas

COM FIBRAS
TRICOM e JTB
com muitas
histórias e
linhas
contadas
Iolanda do Natal do
Ateliê







LUGAR 3 O ATELIÊ

O LUGAR DO ARTISTA

Infinito Particular

Eis o melhor e o pior de mim
O meu termômetro, o meu quilate
Vem, cara, me retrate
Não é impossível
Eu não sou difícil de ler
Faça sua parte
Eu sou daqui, eu não sou de Marte
Vem, cara, me repara
Não vê, tá na cara, sou porta
bandeira de mim
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular
Em alguns instantes
Sou pequenina e também gigante
Vem, cara, se declara
O mundo é portátil
Pra quem não tem nada a esconder
Olha minha cara
É só mistério, não tem segredo
Vem cá, não tenha medo
A água é potável
Daqui você pode beber
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular

Marisa Monte, Carlinhos Brown,
Arnaldo Antunes

Desde antiguidade o artista foi considerado alguém especial em seu meio, para o bem e para o mal. Respeitado como tendo uma espécie de dom, o homem que pintava nas cavernas na época neolítica deveria ser também ativo em suas funções de caça, porém, provavelmente possuía algum tipo de privilégio com seu grupo, assim ele teria mais tempo para as funções mágicas de seu ofício. (HABER, 1971).

Mudando de época a época, o artista vai modificando sua função no seu meio social, de um criador mágico a empregado da realeza e/ou burguesia ou um boêmio livre e louco em suas criações. Mas o que mais fica evidente nesse contexto é como o lugar de criação, sua sala de ofício não modifica tanto com o passar do tempo.

Pesquisando pelo termo ateliê, encontramos várias fontes que dizem ser um termo cunhado por volta do século XIV, na França. A palavra deriva de tailler, ou talhar em francês, segundo, Deonísio da Silva em seu livro A vida íntima das palavras (2004),

[...] do latim astula, pedaço de madeira ou pedra, passando pelo francês atelier, redução de tas d'éclats de bois, monte de pedaços de madeira. Em

ATELIÊ s.m. (do fr. Atelier.) 1. Lugar onde trabalham artesãos e, sobretudo, artistas.

Grande Dicionário Laurosse da Língua Portuguesa



suas origens no século XIV, a palavra designava lugar bagunçado. Por isso, o recinto onde trabalhavam os artistas era conhecido também como chantier, canteiro de obras, depósito. (SILVA, 2004).

Este lugar que seria o ateliê até então era a sala de ofício dos artesãos dentro da própria casa, onde geralmente acontecia o trabalho não só técnico, mas também criativo, geralmente com toda a família e com aprendizes, que eram escolhidos ou designados por outras famílias conforme o dom que percebiam que os jovens apresentavam.

Na História da arte, o ateliê sempre aparece nos relatos como um dos principais protagonistas dos acontecimentos artísticos, desde quando a casa era o lugar dos ofícios, passando pelo renascimento, pela arte moderna até chegar à nossa arte contemporânea.

O ateliê como ainda conhecemos hoje, lugar próprio do trabalho artístico, pouco se modificou com o tempo, mudaram-se as ferramentas e a sociedade, porém este lugar continua sendo conhecido como o centro do trabalho artístico. Entretanto, já algum tempo vários artistas pensam modos diferenciados sobre este lugar e muitos teóricos e críticos já fizeram surgir novos debates sobre o papel do ateliê no século XXI.

“Quero carregar comigo o mínimo possível . Meu estúdio é quase vazio. Uso muito pouco material para cada obra. Trabalho mesmo com idéias. “

Cabelo, in LEAL. Ateliês do Rio de Janeiro. 2003. Rio de Janeiro: Pactual.

A arte contemporânea mais do que nunca esta acontecendo não só de forma concreta, mas dentro de conceitos ou mesmo só de maneira virtual com novas possibilidades de até serem transformadas pelo espectador. Com suas muitas experimentações e as misturas com novas tecnológicas, o artista já consegue ter mais que um *lugar* dentro de muitos *espaços não “reais”*, ou mesmo indo atrás de vieis globalizados, terem obras acontecendo simultaneamente em vários pontos do mundo, independente de ter nascido em um ateliê. É o que a crítica de arte, Lisette Lagnado chama de laboratórios ou canteiros de obras, onde artistas fazem trocas disciplinares e podem tanto utilizar a rua arregimentando pessoas para suas obras acontecerem como também usar oficinas de maquinarias pesadas, estúdios fotográficos, etc. (LAGNADO, 2002).

[...] essa configuração da idéia de ateliê, entre o laboratório e o canteiro de obra, permite restituir ao espaço de atuação do artista contemporâneo dois compromissos que haviam dado o vigor que tanto admiramos na produção dos anos 60-70: o experimental e sua implicação na coletividade. (LAGNADO, 2002)

O crítico de arte americano Hans Ulrich Obrist, levantou questões assim em seu projeto *laboratorium* de 2001,

onde a troca entre várias disciplinas trazem a proximidade da arte e ciência, e variações da arte contemporânea híbridas com nanotecnologia, virtualidades, etc., por isso, em sua proposta o nome laboratorium se aproximaria mais com o lugar do artista contemporâneo.

Alguns cientistas que não fazem parte do mundo artístico também defendem a idéia das similaridades entre o laboratório científico e o ateliê através das trocas e técnicas impregnadas:

[...] ateliê e laboratório se aproximavam e ainda hoje se aproximam. Tanto no ateliê quanto no laboratório opera-se sobre materiais, grande parte deles comuns à prática das artes e à realização de processos envolvidos nas investigações sobre a matéria. (ROXO,2001)

"Acho que meu ateliê é um híbrido de arquivo, depósito e laboratório multimídia, mas o principal HD é o meu cérebro, ainda que faltem os softwares adequados para gerenciar a "coisa toda" [...]"

Rosangela Rennó in LEAL. Ateliês do Rio de Janeiro. 2003. Rio de Janeiro: Pactual.

Independente do espaço que se faz o ateliê, o olhar sobre esse ambiente nos faz perguntar quais elementos fazem parte efetiva e afetiva do artista, e o que e quais coisas estão as suas mãos. Perceber este lugar é buscar entender como este espaço se transforma em algo tão especial aos olhos do artista e do espectador e principalmente da obra que nasce ali. Os seus guardados aparecem como um ser a mais no processo artístico? São pedaços da obra? São a obra? Perguntas assim surgem a

"O estúdio é um espaço espiritual. Mas a rua também é, o estádio é, o metrô é um espaço espiritual. E o contrário: o ateliê é um espaço profano também, ele exige essa coisa profana, essa atitude profana."

Cildo Meireles in LEAL. Ateliês do Rio de Janeiro. 2003. Rio de Janeiro: Pactual.

partir de uma curiosidade bastante normal em quem observa o trabalho depois de pronto, quais foram afinal suas inspirações, em qual momento foi dada a pincelada, o corte ou a martelada decisiva?

Estar dentro do ambiente do artista também nos leva a imaginar seu processo artístico e o que pode fazer parte deste momento, muitas vezes conseguimos enxergar partes de seu ateliê e objetos que o cerca, outras parece que nada ali faz parte do todo, entretanto, percebemos que este lugar é parte do artista e da obra. Como numa casa acolhedora de seus moradores, o ateliê pode trazer um alheamento com o mundo exterior, necessário para o realizar daquilo que o artista imagina e deseja.

A investigação que proponho nesta pesquisa é conhecer este lugar com um olhar mais aprofundado, com ênfase no ateliê do artista como ponto de partida para a descoberta do fazer e do porque fazer e de que como os objetos que ali estão podem conduzir o artista, a obra e a vivência do lugar.

Este ambiente de criação mantém suas coisas e idéias suspensas, um lugar onde o artista pode entrar a qualquer momento e resgatar o que ficou no ar, (muitas vezes não é assim que acontece, sabemos disso, mas continua sendo seu espaço do

“A escolha desses espaços de trabalho aconteceu gradualmente, certas percepções foram se reiterando. É como se aos poucos esses locais fossem se tornando o porto seguro de onde posso partir e para onde tenho como voltar protegida – onde me religo.”

Anna Bella Geiger in LEAL. Ateliês do Rio de Janeiro. 2003. Rio de Janeiro: Pactual.

"As conexões que faço em meu trabalho são conexões que não posso encarar. São na verdade conexões inconscientes. O artista tem o privilégio de estar em contato com seu inconsciente, e isso é realmente um dom. É a definição de sanidade. É a definição de auto realização."

Louise Borgeouis. Destruição do pai, reconstrução do pai. 2000. São Paulo: Cosac&Naify.

fazer). Se há ou não idéias, inspirações ou a busca e o conforto do fazer, o artista sabe que ali ele pode desempenhar aquilo que esta ao seu alcance. Conhecer lugares tão distintos é prazer e surpresas, contando suas muitas histórias e dispersando as sementes de obras de arte que ainda não nasceram.

OLHANDO POR TRÁS DA CORTINA DO ATELÊ

Através de algumas visitas e entrevistas investiguei o processo e o lugar de diversos artistas, e com uma abordagem principalmente fenomenológica tento mostrar um pouco das generalizações comum aos ateliês, mas principalmente suas particularidades.

Esta curiosidade por conhecer onde nascem às obras e onde o artista convive com seus guardados move muito dos espectadores. É interessante como a visita a qualquer ateliê leva-nos a parecer que estamos visitando uma catedral, um lugar sagrado e misterioso, onde não podemos imaginar nem como é a luz e nem a escuridão, mas lá estamos tentando desvendar este lugar. Como afirma Nelson Brissac Peixoto:

O atelier do artista é uma das catedrais do nosso tempo, lugar possível da arte. Onde, diferentemente do museu, existe criação. O atelier é um alvo de peregrinos. (PEIXOTO, 2006)

Hoje, muitos artistas abrem seus ateliês à visitação, alguns com a intenção da venda ou mesmo como divulgação de seu trabalho. Em muitas exposições em museus ou fundações,



Ateliê Piet Mondrian 2009 Web



Ateliê Paulo Bruscky 2009 Web

também se tornou costumeiro expor estes “lugares”, já que traz para o espaço expositivo um pedaço do processo criativo do artista em questão. Aqui no Brasil, muitas exposições deste tipo já foram montadas, como por exemplo, na 24ª Bienal Internacional de São Paulo, onde houve a montagem de uma réplica do escritório de trabalho de Piet Mondrian e também na 26ª Bienal Internacional de São Paulo que tinha a proposta curatorial arte território livre, que trouxe o ateliê de Paulo Bruscky (artista pernambucano), com todos seus objetos e detalhes arquitetônicos para ser montado num ambiente que reproduzia fielmente seu ateliê em Pernambuco numa sala da Bienal.

Mas, o que nos faz acreditar que expondo este “lugar” podemos entender a obra? Devemos entender o lugar como algo que se torna especial e verdadeiro quando vai adquirindo afetividades (TUAN, 1973) e o uso deste espaço é que faz isso. David Sylvester comenta sobre este crescente interesse pelo espaço do artista:

Há diversas razões para que o ateliê do artista tenha se tornado um lugar privilegiado para expor arte. O culto do gênio faz da oficina uma Meca, quer o profeta vivo ou morto. Uma vez que a exposição individual se constitui no principal veículo para exibir a obra de um artista, o ateliê pode ser uma exposição retrospectiva permanente. O conteúdo da

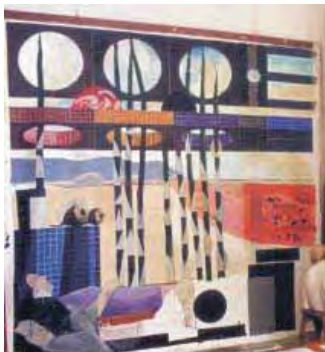
arte tem sido cada vez mais visto como processo de sua própria feitura, e menos como algo exterior a ela, de modo que o espaço onde o artista luta com seus problemas se torna como o terreno onde Jacó lutou com o anjo. (SYLVESTER, 2002)

Na verdade, estas exposições pretendem trazer ao apreciador de arte, um pouco do clima que é atingido no local de criação quando a obra esta sendo realizada, mostrando um pouco do lugar da criação e dos objetos que estão ao seu redor talvez o espectador possa se aproximar mais da obra e do artista. É obvio que a sensação que podemos ter observando tal ambiente, não é a mesma que sente o artista, mas tentam nos aproximar do que seria este lugar e assim se torna uma mostra didática desse ambiente. É o mesmo que ocorrem com objetos que vão parar num museu, estes objetos perdem o significado real e se tornam apenas símbolos do verdadeiro objetivo a que foi criado. Como Yu Fu Tuan nos coloca:

O museu, afinal, consiste apenas em objetos deslocados. Os tesouros e as raridades são arrancados de suas matrizes culturais de diferentes partes do mundo e colocados em pedestais em um ambiente estranho...O culto ao passado requer ilusão em vez de autenticidade. Em um museu, o desiderato é o artefato original completo; no

“Gosto de ateliês com aspecto de casa, não muito grandes, em locais que me façam sentir isolada do universo de arte. Quase um refúgio.”

Beatriz Milhazes in LEAL. Ateliês do Rio de Janeiro. 2003. Rio de Janeiro: Pactual.



Ateliê Luiz Zerbini | livro Ateliês do Rio de Janeiro, 2003



Ateliê Luiz Zerbini | livro Ateliês do Rio de Janeiro, 2003

entanto, algumas cerâmicas são reconstituídas a partir de poucos fragmentos. É semelhante o princípio para restaurar um quarto histórico...uma função importante do museu é produzir ilusões didáticas. (TUAN, 1983)

Apesar de se acreditar cada vez mais que mostrar o ateliê é uma boa forma de ser didático com o público consagrando cada vez mais este espaço, não devemos confundir acreditando que espaço expositivo e ateliê possa ser a mesma coisa para a obra e seus guardados. O ateliê sempre será um lugar diferenciado para o artista porque ali a obra acontece todos os dias no trabalho ou no pensar, e os guardados, apesar de nos contar muito do artista, será cada vez que for deslocado metade do que já foi no lugar da criação e ao lado do artista.

O artista Luiz Zerbini fala sobre isso numa entrevista a Pedro Bório no livro ateliês do Rio de Janeiro.

O entrevistador: os museus, galerias e exposições têm algo de ateliê para um artista?

Zerbini: Não. Ateliês são lugares únicos. Muitos artistas já expuseram seus ateliês em galerias e museus, inclusive eu, mas ateliê tem vida própria, mesmo que não se frequente a poeira trabalha pelo artista. (in LEAL, 2003)



Cadernos do Artista Artur Barrio Web, 2009

Outros artistas não consideram o ateliê como um ambiente ou só um ambiente. O artista plástico Artur Barrio, fala de suas exposições onde leva seu ateliê não como idéia de espaço, mas do processo que envolve o ateliê. Ele conta que seu ateliê já foi a rua, praças e praias e até um bloco de papel que carregava no bolso. Para ele, o ateliê sempre foi algo mais próximo de um programa do que de um equipamento. (LEAL, 2003)

Além destas exposições sobre os lugares e objetos do artista, muitos criadores abrem seus ambientes de trabalho para visitação ou participam de projetos que abrem vários ateliês numa data determinada, numa união de forças para divulgação de suas obras e para a venda de trabalhos diretamente ao visitante, além de divulgar a região onde vivem.

Muitas cidades no Brasil e no mundo tem projetos semelhantes de aberturas de ateliês ao público. É interessante observar que a abertura para visitas assim, capta muitos interesses de artistas, críticos, marchands e o público leigo em geral. São projetos que geralmente tem um grande número de visitantes e participantes com intuítos variados, desde conhecer seu ateliê e o artista pessoalmente até mesmo comprar obras por preços mais acessíveis.

“[...] este lugar tinha uma atmosfera que me fez sentir que poderia trabalhar nele. Não sei explicar por quê. Existem lugares onde a gente sabe que consegue trabalhar e outros onde logo se sabe que não. Isso é muito engraçado: não sei como explicar a atmosfera dos lugares. Acho que ela tem a ver com a maneira como eles estão construídos. “

Francis Bacon. SYLVESTER, David.
Entrevistas com Francis Bacon.
2000. São Paulo: Cosac&Naify.

Assim, no decorrer dessa pesquisa me desloquei por muitos destes ambientes, querendo conhecer e olhar com mais cuidado muitos ateliês e seus guardados. Minha intenção foi mostrar um pouco destes ateliês visitados procurando entender se este lugar é como um coadjuvante do artista na criação ou é só um espaço onde se guardam as obras , suas ferramentas e os objetos.

VISITAS A ATELIÊS ABERTOS

Por estar sempre atenta a assuntos relacionados a ateliês, tomei conhecimento de vários projetos sobre ateliês abertos. A partir daí aproveitei para fazer algumas visitas para minhas investigações sobre o lugar e seus guardados no ateliê. Alguns desses projetos, são de artistas reunidos que abrem seus ateliês em determinadas datas para o público leigo, outros são artistas individuais que recebem visitas semanais ou mensais, ou mesmo projetos de várias cidades que através da abertura dos ateliês de artistas e artesãos montam roteiros de arte, além de muitos sites e blogs que divulgam estes espaços pela internet.

Pude visitar várias destas propostas, tanto aqui no Brasil em São Paulo e algumas cidades do Estado, como em Paris na França em uma viagem que realizei no início deste ano. Muitos desses projetos eu só fui conhecer, na maioria conversei com artistas e pessoas envolvidas no projeto e pude fotografar alguns.

O importante dessas visitas foi poder perceber de perto como o lugar do artista e seus guardados se mantêm e podem contar histórias diversas. Tanto no Brasil, como em Paris os ateliês que conheci, geram bastante curiosidade do público que visita intensamente estes espaços para conhecer de perto o lugar do artista e de suas obras.



Estúdio Richard Eyre 2009 Web



Estúdio Mariana Warner 2009 Web



Estúdio Peter York 2009 Web

Também tive o conhecimento sobre outros vários projetos de ateliês abertos pelo país, que infelizmente não pude visitar pessoalmente. Como no bairro da Lapa e em Santa Teresa, no Rio de Janeiro que abrem duas vezes por ano vários ateliês para visitação de turistas e interessados em conhecer os artistas e seus ambientes de criação.

Há um verdadeiro interesse em conhecer estes lugares, não são pessoalmente, mas nos últimos anos de forma virtual em sites de relacionamentos, são espaços de criação de artistas plásticos, designs, escritores e criadores em geral que nos leva a conhecer o lugar que se passa a maior parte do tempo na feitura da obra, com seus objetos e seu processo criativo, já que se pode fotografar repetidas vezes e acrescentar isso na sua página pessoal.

Um destes projetos virtuais muito interessante é o *"writer's rooms"*, promovido pela revista eletr nica *Guardian*, todas as edições trazem fotos e descrição de algum ambiente de escritores, a intenção é mostrar estes lugares, vasculhando um pouco o espaço e o processo criativo do artista.

Também há na *Web* o projeto *"WHERE I WRITE"* do fotógrafo americano Kyle Cassidy, que mostra os est dios de escritores de ficção científica, são lugares instigantes cheios de

livros, anotações e histórias. Além de existirem, hoje em dia, centenas de blogs com fotos de ateliês e estúdios de criação de artistas, artesãos, designers, etc.



ATELIÊS | SÃO PAULO

ATELIÊS | SÃO PAULO

Sabendo de alguns projetos sobre ateliês abertos na cidade de São Paulo e algumas cidades vizinhas, e tendo a oportunidade de conhecer alguns artistas, me programei para visitar o que podia, conversar com os artistas e fazer algumas fotos dos ambientes.

Por motivos diversos, nem sempre foi possível fotografar ou conversar com o artista da maneira que gostaria, como por exemplo, no projeto arte na vila, que recebe muitas pessoas nos dias programados. Em outros projetos ou ateliês, alguns artistas se sentiam desconfortáveis com fotos, mas sempre fui recebida com muita atenção e pude bater papos gostosos e interessantes sobre o espaço e suas obras.

Procurei em cada visita, conhecer como o ambiente foi criado pelo artista, quais suas necessidades e como o ateliê e seus guardados acontecem na obra. São questões sutis de sentir e perceber, já que muitas vezes a obra e seu processo criativo são subjetivos, no entanto, observar a atmosfera que vive o criador já foi uma ótima pesquisa de campo.

Visitei o projeto outubro aberto em São Paulo, os ateliês de cerâmica, na abertura dos fornos noborigamas em Cunha/SP, os ateliês em Paranapiacaba (vila em Santo André/SP) e alguns artistas em Embu das Artes/SP.



Foto ateliê Lucia Py 2007, Liliane Santos



Foto ateliê Lucia Py 2007, Liliane Santos



Foto ateliê Lucia Py 2007, Liliane Santos

PROJETO OUTUBRO ABERTO

Um dos projetos que visitei bastante atraente foi *Outubro aberto*, proposta curatorial em que o escritório de arte Francês RC-bureau d'art abre os ateliês que representa em São Paulo para visitantes interessados em ver o processo artístico e o lugar da criação de seus artistas. São ateliês individuais em várias partes da cidade de São Paulo, com artistas que fazem ocasionalmente exposições juntos e a divulgação do escritório de arte e de seus ateliês.

Este evento acontece todo mês de outubro, estando em 2008 em sua quarta edição. A abertura dos ateliês tem a intenção de divulgar os artistas e seus trabalhos compartilhando o fazer e seus conceitos para além de um público especializado. Aproveitei o projeto para visitar alguns artistas e conversar informalmente sobre seus trabalhos e detalhes dos espaços.

As visitas foram feitas com hora marcada, e cada artista me recebeu pronto para conversar, trocar idéias e mostrar um pouco de seu espaço e processo artístico com suas particularidades e interesses, o que me deixou bastante estimulada a ter um olhar aguçado para cada obra e cada canto de seus ateliês. Cada artista com suas ferramentas e guardados criando lugares completamente diferenciados apesar de estarem tão próximas em concepções e projetos.

Foto Ateliê Thais Gomes 2007, Liliane Santos



Foto Ateliê Thais Gomes 2007, Liliane Santos



Foto Ateliê Sonia Talarico 2007, Liliane Santos



Foto Ateliê Sonia Talarico 2007, Liliane Santos





Cartaz do projeto Arte na Vila 2009



Foto projeto Arte na Vila 2009, Luna Vicente



Foto projeto Arte na Vila 2009, Veronica Kraemer

PROJETO ARTE NA VILA

Em São Paulo no bairro da vila Madalena e Pinheiros, visitei o projeto *Arte da Vila*. São ateliês da região que abrem suas portas a visitação pública num final de semana específico. Neste dia é distribuído um roteiro impresso com os endereços dos ateliês participantes e algumas vans saem do metrô e levam os visitantes aos endereços do projeto. Tive a oportunidade de acompanhar várias edições do *Arte na Vila* e conheci muitos ateliês da região.

Este projeto já entrou no calendário oficial da cidade de São Paulo e em 2009 já está na sua 8ª edição, atraindo, a cada ano, mais visitantes. Na edição de 2008 foram 10 mil pessoas circulando pela Vila Madalena, o que atrai não só visitantes para os ateliês, mas também para as galerias, pontos turísticos, bares e restaurantes da região.

Neste dia as ruas dos bairros Vila Madalena e Pinheiros ficam cheias e tudo é bastante movimentado, por isso, cada ateliê esta arrumado para receber os visitantes de forma confortável e preparado para uma grande movimentação, assim minha observação acabou sendo mais sutil me atentando a captar pequenos detalhes em seus guardados a mostra, sem o aprofundamento do cotidiano dos ateliês. Entretanto, cada visita

é sempre uma surpresa e encanto. Os artistas tem um contato grande com o público, as obras são acessíveis, há oficinas e cursos e pode-se experimentar o que é o ofício de ateliê, com suas ferramentas e cores.

Sentir a ambientação, ver seus guardados, as obras e maneiras do fazer artístico, leva a uma grande compreensão e percepção deste lugar chamado ateliê para o público leigo e os visitantes em geral.



Ateliê Luiz Toledo | Cunha-SP 2008, Lilliane Santos



Ateliê Luiz Toledo | Cunha-SP 2008, Lilliane Santos



Ateliê Luiz Toledo | Cunha-SP 2008, Lilliane Santos

ABERTURA Fornos NOBORIGAMAS / CUNHA/ SP

Outro projeto que conheci, e já se tornou um diferencial na cidade de Cunha (a 217 km de São Paulo), foi a abertura dos fornos noborigama e a visita a vários ateliês de cerâmica.

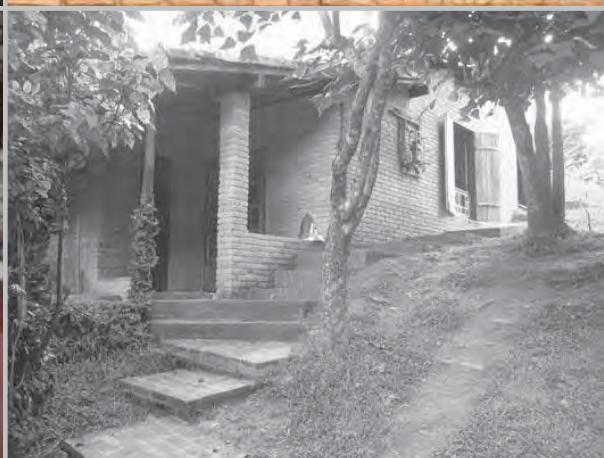
Em algumas datas anuais, os artistas ceramistas da cidade de Cunha queimam suas peças nestes fornos medievais de origem japonesa, e abrem a fornada para o público, atraindo um bom número de turistas e interessados em conhecer a técnica e estes fornos especiais.

O primeiro forno noborigama, em Cunha, foi construído em 1975, por japoneses e portugueses que encontraram ali um ótimo lugar, já que este forno precisa de terrenos inclinados e a cerâmica ser feita com uma boa argila, coisa oferecida pela região. Com o passar dos anos, muitos moradores se especializaram na cerâmica e outros ceramistas chegaram e se instalaram na cidade construindo seus fornos e fazendo com que hoje a cidade seja muito conhecida por seus ateliês de cerâmicas.

Na cidade foi criada uma associação de ceramistas que reúne estes artistas e programa datas para as queimas especiais e a abertura dos fornos que se tornou um espetáculo, já

que cada peça se torna única e há a troca de informações com o todos os interessados que não tem a chance de ver sempre a queima de peças de argila.

Os ateliês de cerâmica têm todo um ferramentário especial e próprio para o ofício, além de muitos guardados considerados estimulantes criativos. Observando e estando atenta a suas distinções fui percebendo os recortes no ateliê de Luis Toledo, máscaras e galhos em formatos diferentes com Alberto Cidraes, pinturas com Suenaga e Jardineiro, etc. São as particularidades criativas e seus guardados contando histórias a todos que por ali chegam.



Fotos Atelier do Antigo Matadouro Alberto Cidraes | Cunha | 2009 Web



Ateliê Tony Gonzato

2009, Web



Ateliês Residência Paranapiacaba

2009, Web



Ateliês Residência Paranapiacaba

2009, Web

ATELIÊS ABERTOS/PARANAPIACABA

Na vila de Paranapiacaba em Santo André, visitei o projeto Ateliês abertos.

Neste projeto a subprefeitura de Paranapiacaba aluga por preços módicos as casas da vila operária, comprada pela cidade de Santo André da rede ferroviária, os artistas tem o compromisso da preservação dessas casas, além de fazerem parte de um projeto que nos finais de semana propõe a abertura dos ateliês para aos turistas, que podem visitar, conhecer os artistas e comprar suas obras.

Muitos artistas da região do grande ABC se instalaram ali criando um charmoso roteiro de ateliês com muitas linguagens artísticas acontecendo na Vila, proporcionando no local uma certa efervescência cultural.

O interessante é poder conhecer não só o espaço mas também a maneira particular de cada um vivenciar seu ateliê e sua casa. Neste caso, os guardados acabam contando suas histórias e aparecem em toda a residência do artista já que sua obra também ocupa o todo.

Um lugar já cheio de histórias proporcionando novos contatos e experiências.



Foto Embu das Artes

2009, Web



Foto Embu das Artes

2009, Web



Foto Embu das Artes

2009, Web

ATELIÊS EM EMBU DAS ARTES

Outro roteiro conhecido de ateliês fica em Embu das artes a 25 km da cidade de São Paulo. Artistas recebem visitantes em exposição e venda das obras de arte e artesanato na famosa feira que acontece todos nos fins de semana, além de muitos ateliês abertos para visitação dos turistas.

Durante os domingos a visita à feira é muito procurada e a cidade se enche de turistas para conhecer a produ o artística e artesanal da região e do Brasil. É um lugar também muito visitado por turistas estrangeiros que procuram por artesanato ou objetos e obras diferenciadas.

Durante a semana onde o movimento na cidade   menor pode-se visitar os ateliês que ficam na cidade e conhecer com mais calma as obras e os artistas, alguns deles também abrem para aulas particulares de desenho, pintura ou esculturas.

Conheci alguns desses ateliês e artistas, muitos deles mant m os ateliês abertos para visita o até por ser um modo mais fácil de expor e vender suas obras direto para o público, com isso o fazer da obra fica muito próximo do apreciador e isto faz com que possamos observar com cuidado e certo prazer os guardados e o lugar do artista.

Foto Atéliés de Embu das Artes | 2009 Liliane Santos



Foto Atéliés de Embu das Artes | 2009 Liliane Santos



Foto Atéliés de Embu das Artes | 2009 Liliane Santos



Foto Atéliés de Embu das Artes | 2009 Liliane Santos



ATELIÈS | PARIS

ATELIÊS | PARIS

Em minha visita a Paris, procurei ir a alguns lugares conhecidos pelos artistas e intelectuais que ali circulavam ou viviam. Em *Montmartre*, bairro parisiense, conheci endereços e ruas onde muitos artistas se instalaram. Não segui roteiros turísticos pré-estabelecidos, muitos acabaram sendo descobertos por curiosidade e anotações que eu tinha ou até acidentalmente pelos passeios que nos fazem esbarrar com placas informativas sobre edificações ou ruas.

Na Rua *Abbesses* em *Montmartre*, há uma sedução turística com suas ruelas, brasseries, lojas e igrejas nos dando dicas que naquele lugar muita história aconteceu. Ateliês que não existem mais, tomados por moradias ou comércios, mas que mantêm certa aura do passado por terem sido freqüentados por algum famoso artista que ali morou ou criou obras de arte.

Não tive a oportunidade de conhecer ateliês particulares naquele bairro, como por exemplo, do artista brasileiro Juarez Machado, que há muitos anos reside e trabalha em Paris, e que mantém um belo ateliê exatamente na Rua *Abbesses*, mas pude passar em frente ao endereço e sentir um pouco do clima que é ter um ambiente construído para ser ateliê, com suas clarabóias e janelas prontas para receber a luz própria de Paris.



Rua Abbesses, Montmartre | Paris 2009, Liliane Santos



Ateliê Tristan Tzara, Montmartre | Paris - 2009, L.S.



Liliane, Montmartre | Paris - 2009, Marcelo Venturoli

Aproveitei a viagem para também conhecer o ateliê de Brancusi, deixado como legado para a cidade de Paris, que agora esta no pátio do Museu George Pompidou, e ver de perto como um ateliê pode ou não ser conservado em sua memória.

Também visitei o ateliê e o Jardim de Monet, em Giverny, que todos os anos na primavera e no verão recebem milhares de turistas querendo conhecer de perto o famoso jardim que foi uma das grandes inspirações do artista, além de alguns ateliês de artistas que vivem na região que recebem o público e vendem suas obras.

E por último, fui conhecer como funcionava o novo projeto da prefeitura da cidade, chamado *Cent quatre*, onde um velho edifício histórico na periferia de Paris se tornou um grandioso projeto de ateliês abertos aos cidadãos de Paris, com artistas de várias linguagens, projetando, criando e realizando obras em galpões cedidos pelo projeto.



Foto ateliê Brancusi | Paris 2009, Liliâne Santos



Foto ateliê Brancusi | Paris 2009, Liliâne Santos



Foto ateliê Brancusi | Paris 2009, Liliâne Santos

ATELIÊ BRANCUSI

Em Paris fui conhecer o espaço dedicado ao ateliê do escultor Brancusi, que hoje se encontra no complexo do Museu George Pompidou. Foi uma ótima oportunidade de conhecer de perto seus trabalhos e ferramentas, deixada como legado a cidade de Paris.

Brancusi manteve seu ateliê no bairro de *Montparnasse* em Paris de 1928 à 1956. Em 1950, a prefeitura da cidade pediu o terreno para a construção de um grande hospital, isso o fez viver uma briga intensa com autoridades sobre o caso e chegou até receber notificações de desapropriação, mas finalmente em 1956 assinou um acordo com a prefeitura de Paris, onde o governo se comprometia a manter seu ateliê como ele deixaria quando morresse. Esse impasse demorou bastante para se resolver, com mudanças constantes de idéias da prefeitura de lugares para sua reconstrução. Em 1977 o ateliê foi reproduzido no complexo museu Georges Pompidou pelo arquiteto Renzo Piano, e em 1992 o edifício ganhou um novo tipo adaptação para compor o espaço na praça *Beaubourg* de forma mais visual e funcional.

Nesse espaço o arquiteto tenta-se de alguma maneira recriar o mesmo ambiente do ateliê original em



Foto ateliê Brancusi|Paris 2009, Web



Foto ateliê Brancusi|Paris 2009, Web



Foto ateliê Brancusi|Paris 2009, Web

tamanho, disposição de cômodos e luminosidade, expondo as obras, materiais e ferramentas usadas pelo escultor Brancusi, porém aqui se comprova como o lugar chamado ateliê necessita de uso e afetividades para que não se torne somente um espaço expositivo, sem nos remeter ao seu *Genius Loci*.

São quatro salas com as ferramentas e bancada expostas num tipo de vitrine e as obras dispostas, da maneira de Brancusi, com a visão 180° ou mesmo escultoras sem pedestais. Contudo não há vida produtiva nesse local e nem transparece que algum dia houve alguma, mesmo porque tudo ali foi deslocado para este ambiente que tenta reproduzir algo perdido. Até seus guardados ficam sem memórias aparentes.

O próprio arquiteto responsável pela reconstrução do ambiente que seria o ateliê de Brancusi reconhece que é impossível recriar um lugar de criação sem atividade e o artista e diz: “- O espaço não tem a intenção de ser recriação etnológica da disposição do lugar nos mínimos detalhes, mas transmitir a unidade que Brancusi criou entre suas esculturas dentro do espaço do estúdio.” (PIANO, 2007).

Que no meu ponto de vista talvez conseguiu muito pouco ou nada, a não ser algo didático e curioso.



Ateliê Brancusi | Paris | foto Liliane Santos, 2009





Foto ateliê Monet 2009, Liliane Santos



Foto de painel fotográfico no ateliê Monet 2009, L.S.



Foto ateliê Monet 2009, Liliane Santos

ATELIÊ E JARDIM DE MONET

O jardim de Monet já se tornou uma visita obrigatória de qualquer turista que chega à França. Sua casa e ateliê ficam em *Giverny*, cidade aos arredores de Paris. A casa, hoje museu de Monet, abre toda primavera e verão, fechando no outono e inverno. Minha curiosidade era ver como esse lugar foi preservado e de que forma recebe o olhar curioso de quem a visita.

É interessante notar, que de alguma maneira este ambiente conserva mais coisas de um lugar, que, por exemplo, o ateliê de Brancusi, - retirando, claro, suas diferenças de locais e de circunstâncias. Apesar do espaço que seria o ateliê, hoje ser uma loja que vende *souvenirs* das pinturas de Monet ao turista; a casa preserva os objetos e móveis usados pelo artista e família, resguardando assim um pouco da aura que vivia o artista.

Seu jardim é minuciosamente conservado e sua casa mantém a luminosidade que provavelmente também penetrava quando o artista lá vivia, isso traz ao visitante uma sensação de ver seus quadros de forma viva, possivelmente como o artista via a paisagem. Preservar coisas e o lugar foi essencial para o *genius loci* de Monet.

Foto de painel fotográfico no Ateliê Monet | 2009 L.S.



Foto jardim Monet | 2009 Liliane Santos



Foto jardim Monet | 2009 Liliane Santos



Foto jardim Monet | 2009 Liliane Santos



Foto projeto 104 | Paris 2009, Lilliane Santos



Foto projeto 104 | Paris 2009, Lilliane Santos



Foto projeto 104 | Paris 2009, Lilliane Santos

PROJETO CENT QUATRE

Projeto criado pela prefeitura de Paris, onde vários artistas de muitas linguagens, podem durante um tempo determinado usar espaços criados para serem seus ateliês.

Este prédio se localiza em um bairro periférico de Paris, numa antiga fábrica de caixões e urnas funerárias e foi todo reformado para receber além dos espaços de ateliê, uma biblioteca, auditório e lanchonete.

Em minha visita, numa terça feira depois das 16 horas, não havia muitos artistas em atividade, porém fui recebida por uma guia – que para minha surpresa e alegria, era brasileira – que me mostrou toda a estrutura do prédio e seus projetos, me apresentou a um grupo de *designers* em trabalho, dois cineastas em processo de finalização de roteiro e um artista uruguaio residente e bolsista, que trabalha arte pública.

Cada um desses espaços possui um pé direito bastante alto com mezaninos e toda a infra-estrutura necessária a um ateliê. Cada projeto que acontece por lá é devolvido a cidade de Paris em forma de exposição e a possibilidade das visitas da população aos estúdios durante os processos criativos dos trabalhos.

É muito interessante conhecer este tipo de lugar porque nos dá a possibilidade de ver a obra acontecendo em tempo real, já que todo o trabalho de ateliê está aberto para qualquer pessoa acompanhar. As ferramentas, as obras inacabadas e os guardados que acompanham os artistas neste projeto estão expostos para o olhar leigo podendo assim levar a um novo olhar e a uma maior compreensão da obra de arte.

Foto Pátio Central 2-Projeto 104 | 2009 Liliane Santos



Foto espaço cenográfico-projeto 104 | 2009 L.S.



Foto Pátio Central-Projeto 104 | 2009 Liliane Santos



Foto Biblioteca sendo montada-Projeto 104 | 2009 L.S.



LUGAR 4 ENTREVISTAS

VISITAS E ENTREVISTAS

Desde o início da pesquisa me dispus a conhecer alguns ambientes para um entendimento do que era o *lugar* e o espaço, além dos ateliês abertos à visitas coletivas, queria ter uma aproximação com artistas para um investigar aprofundado dos guardados e o lugar de criação.

Escolhi cinco artistas que conhecia de alguma forma e que sabia terem um espaço de trabalho há algum tempo, expliquei minha intenção de pesquisa e gentilmente todos foram muito solícitos neste meu vasculhar de suas coisas e particularidades.

Visitei cada um deles em datas pré determinadas, alguns pude visitar mais de uma vez e pedi licença para a investigação fotográfica que trago aqui. Nestas visitas procurei saber além do ateliê em si, mas principalmente suas histórias e guardados.

Minha observação se atentou muito para como e se o lugar e os guardados acontecem na obra. É interessante notar as cores nascendo de formas tão vigorosas e explodirem nas telas, como no ateliê de Cláudio Barros ou notar as cores de ló em cada canto de sua sala, nas flores e peças de viagem que ali estão, ou a obra do Valdo estar em cada coisa espalhada em sua bancada, como no ateliê de Cida Ferreira que guarda as imagens

das peças teatrais que fez a cenografia ou figurinos, e a origamista Alzira que mantém formas não só no que produz, mas instintivamente nos móveis que possui.

Cada artista aqui tem suas características, mas também similaridades, não só na seriedade perante a obra como também nas alegrias no fazer e entendimento de cada objeto ali que permanece como testemunhas do lugar.

As fotos aqui apresentadas pretendem, além da entrevistas, mostrar o meu olhar sobre esses lugares, que se atentou no que cada pedaço ou canto do ateliê poderia contar.

O ATELIÊ DE CIDA FERREIRA | A EXTENSÃO DA CABEÇA DO ARTISTA



Cida Ferreira, artista plástica, cenógrafa e figurinista. Com várias exposições e trabalhos com grupos teatrais. Seus trabalhos trazem colagens e transformações de objetos, em suas cenografias e figurinos sempre aparecem formas que se transformam em outras.



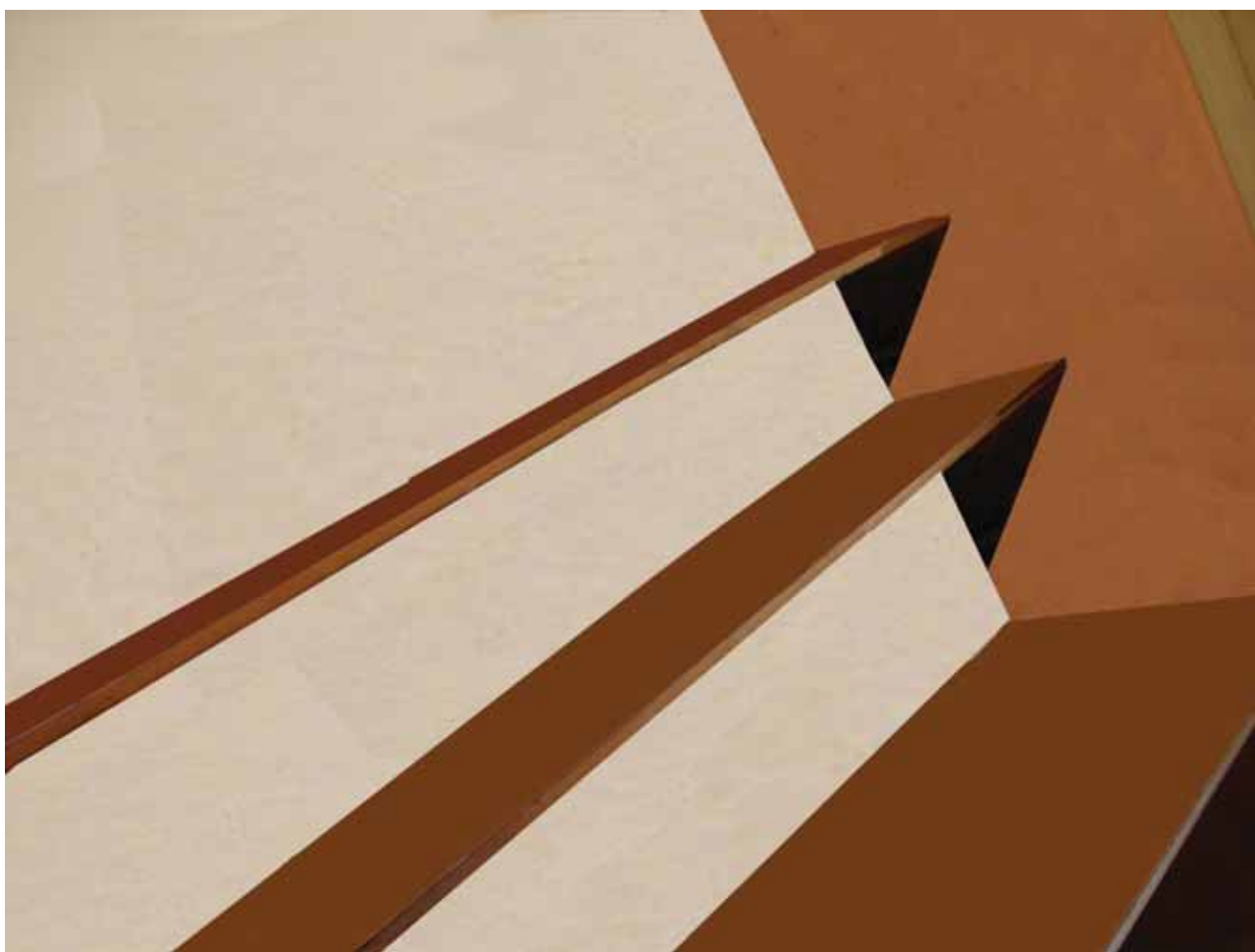




Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliane Santos



Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliane Santos



Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliane Santos

Cida Ferreira trabalha com diversos materiais para realizar os cenários e figurinos das peças teatrais da qual é contratada e também nos seus trabalhos artísticos. Especializou-se em máscaras feitas de papel ou argila e gosta da transformação de materiais: coisas usadas se tornando novas, diferentes e especialmente belas. E isto inclui seus muitos cadernos de artistas, que se enchem de seus desenhos, recortes e interferências com tintas e tecidos. Seu ateliê, até por estas singularidades, se mostra cheio de guardados, esperando sua transformação. São recortes, peças, tecidos, roupas, tintas e bibelôs, e claro, livros, muitos livros.

A artista até pouco tempo atrás tinha seu ateliê num grande espaço, com pé direito alto e muitas janelas, esta área tinha sido a oficina de seu pai, que era retificador de carros, por isso conta que era um lugar muito especial, primeiro por ser o lugar onde seu pai trabalhava e que freqüentava desde garotinha, e por que depois de ter se tornado seu ateliê, muitos amigos queridos dividiram aquele espaço com ela. Hoje tem seu ateliê num espaço dentro de sua casa, onde fica mais confortável para poder se locomover, quando quer, por entre suas criações.

Seu novo estúdio esta num ambiente cheio de livros, bibelôs, seus guardados variados usados na criação e ferramentas de trabalho. Com uma larga janela voltada para o



Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliâne Santos



Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliâne Santos



Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliâne Santos

quintal de sua casa, o sol entra generoso e seus animais de estimação circulam livremente e satisfeitos pelas obras criadas pela artista.

Percebo que na verdade, o ateliê, inclui sua casa toda, pois podemos recolher e reconhecer, com um pequeno olhar em volta por entre os cômodos, coisas que estão sendo criadas; secando e esperando uma pequena alteração. É assim, que a artista conta que prefere ser, e sente seu lugar.

Quando me foi dada a entrevista, Cida estava trabalhando em uma cenografia para um grupo de teatro local e me mostrou seus cadernos de esboço para o cenário e figurino, e tudo em volta só poderia lembrar uma grande cena de teatro, com bonecos e objetos cênicos em volta.

Perguntando sobre como aquele espaço estava se transformando em seu ateliê, Cida com sua simpatia peculiar diz: “mas este espaço não está pronto como um ateliê, ele ainda parece um escritório, mas eu adoro ficar aqui olhando o jardim, os cachorros e desenhando. É onde eu posso ser quem eu quiser. Bagunçar, arrumar, ficar sem roupa ou sem fazer nada.”

O atelier para aquela casa se tornou o cômodo mais cômodo, seu espaço verdadeiro:



Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliane Santos



Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliane Santos



Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliane Santos

- Meu ateliê é meu refúgio, um lugar onde não tenho medo e eu posso ser quem eu quiser, o que imaginar. É um lugar mental que a gente cria dentro da gente e em determinadas ocasiões colocamos para fora. São momentos-ateliê na cabeça e quando estamos prontos se torna o momento-criativo para trabalhar. O lugar dá a importância da concentração e o trabalho à mão que pode estar lá à vontade com limpeza ou sujeira e não ter preocupação com isto.

Ela acredita que o espaço é determinante no trabalho, mas sabe que não é um impedimento, se tem um espaço maior pode se dar ao luxo de fazer um tecido grande pintando a mão, mas até por comodidade pensa numa coisa menor para não ter muito conflito para procurar espaço caso queira fazer algo grande, então prefere pensar que só quando for imprescindível cria coisas maiores, também evita coisas com cheiro forte, etc. o espaço sim é importante como delimitador, mas não acredita que possa aleijar na criação.

Cida pensa o ateliê como um lugar sagrado, pois ali ela dá conta das transformações que nascem em sua imaginação. Os materiais que guarda para suas criações vão levando a estas mudanças, pois se deslocam por entre os vários projetos por ela vividos.



Ateliê Cida Ferreira | foto Liliane Santos 2008



Ateliê Cida Ferreira | foto Liliane Santos 2008

QUESTIONÁRIO
RESPONDIDO PELA ARTISTA
PLÁSTICA CIDA FERREIRA

O que significa ateliê para você?

Este questionário parece tão fácil de responder! Mas não é como parece: o ateliê, mais que um espaço físico, é um espaço mental, onde nos desligamos do cotidiano e nos ligamos no nosso próprio interior, nossos sonhos, desejos e fantasias...Estou me dando conta disto desde que comecei minha mudança do espaço muito grande para o quartinho dentro de casa, onde cabe pouco material para trabalhar. Isto me rendeu uma fase de travamento, onde não conseguia raciocinar, sem todos os objetos aos quais me APEGAVA tanto. Agora tento mais concentrar-me nos temas de trabalho e menos aos objetos, cores e formas, e venho usando mais os sonhos (literalmente, estou escrevendo um diário de sonhos) onde agora busco me encontrar, e aos meus temas.

O que é e como é o SEU ateliê?

Meu ateliê: uma bancada para desenhar, prateleiras com materiais diversos, um tanto espremidos, diga-se, muitos livros de histórias infantis, livros com ilustrações, revistas, tecidos, fios coloridos, lãs e linhas, papéis velhos de presente, tecidos estampados ou lisos com texturas: rendas, cetins, algodões,

lonas, bordados, tudo inteiro ou rasgado, desbotados, manchados porque trabalho com o antigo e as lembranças, trabalho com pedaços da memória e dos objetos...

Qual sua relação com este espaço?

Minha relação com este espaço, é que de certa forma este é o meu presente, mas já foi o meu passado, porque entro num momento de hoje, mas, ao mesmo tempo, mergulho num outro tempo em que tudo se mescla como em sonho: sou criança-velha, num mundo fictício onde tudo pode existir. Essa relação é muito boa quando não temos as interrupções do ambiente, principalmente o telefone... No outro espaço não tinha este problema, mas tenho de viver com isto... e com gatinhos que querem participar de tudo.. mas estamos caminhando...

Você acredita que este lugar é imprescindível para seu processo criativo?

Não acredito tanto hoje como antigamente, por causa da mudança, mas de certo modo ajuda a entrar em contato com as idéias e os materiais. Claro que se pode trabalhar em outros lugares, Mas este é como o seu refúgio do mundo, seu travesseiro macio, sua boneca sem braço, tão querida ou o colo de mamãe...

Você guarda objetos que fazem parte especialmente deste lugar? Que objetos são estes e porque estão lá?

Claro!! Tenho uma grande coleção de guardados ganhados, achados, comprados, catados: retalhos de tecidos, de idéias , de objetos, de cadernos, parafusos bonitinhos, enferrujados legais, fios de vários tipos, apetrechos de desenho quebrados, usados, pedaços de boneca, bonecas sem olhos, sem braços, não sei nem enumerar a quantidade de coisas que outras pessoas classificam simplesmente como LIXO e jogam fora tão simplesmente... É muito difícil para mim, separar essas coisas em úteis e inúteis, já que a cada processo criativo passo pelo menos uma hora selecionando objetos, texturas e cores que “tem a ver” com o trabalho, às vezes antes mesmo de saber o que vou fazer, ou apenas olhá-los e apreciá-los, como uma coleção de itens valiosos. Exatamente, para mim são muito valiosos porque são pedaços de materiais de sonhos, pequenos fragmentos de grandes lembranças que, conseguimos recuperar um pouco a cada obra.

ATELIÊ DE ALZIRA CATTONY**O REFÚGIO**

Alzira Cattony, origamista. Trabalha com origami há 18 anos, com várias exposições sobre formas e temas, sempre ligando o assunto de sua pesquisa à dobradura.







Foto ateliê Alzira Cattoni 2008, Liliâne Santos



Foto ateliê Alzira Cattoni 2008, Liliâne Santos



Foto ateliê Alzira Cattoni 2008, Liliâne Santos

Dia de visita ao ateliê de Alzira Cattony, origamista. Seu ateliê é num pequeno prédio, próximo ao Hospital Santa Casa no centro da cidade. Uma quitinete, espaço tão comum numa cidade como São Paulo. Para Alzira, seu lugar de liberdade, ali ela pode transformar pequenos pedaços de papéis em seus projetos de origami.

Alzira é formada em museologia, com pós graduação em História da arquitetura mas trabalhou muito tempo como auditora e ela conta que o origami foi surgindo em sua vida aos poucos e como aprendiz foi percebendo a dobradura como algo mais: “- O origami é uma matéria prima onde transgride para outras formas, e faz com que meu olhar se atente as coisas e soma-se a dobradura, costurando idéias.”

A necessidade de um espaço específico para trabalhar nasceu de um acontecimento em sua casa, que até então era o espaço utilizado para seus trabalhos. Usando uma mesa improvisada na lavanderia ia produzindo as encomendas, projetos e formas recém aprendidas, mas depois de prontos, ocupavam alguns lugares do apartamento. Alzira conta que num desses dias, onde tinha deixado um trabalho numa poltrona na sala, seu marido sentou-se em cima da dobradura, isso a deixou estupefata, como não podia ver uma dobradura enorme na poltrona? O que foi alegado que não podia imaginar um objeto



Foto ateliê Alzira Cattoni 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Alzira Cattoni 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Alzira Cattoni 2008, Liliane Santos

que não era pra estar ali, estar ali, então não prestou atenção. Naquele momento, ela decidiu: Preciso de MEU LUGAR de trabalho.

A quitinete foi uma sorte do destino. Passou por ali viu a placa de aluga-se e foi atrás para conhecer e ali estabelecer o que seria seu ateliê. Sua decisão causou estranheza na família, mas se como contadora podia ter um escritório de contabilidade, porque como origamista não poderia ter um ateliê?

Alzira conta que passa maior parte de seu tempo no ateliê, produzindo, estudando e criando formas. O importante é ter um lugar só dela. Diz que não tem ciúmes do espaço físico e nem de suas coisas, talvez o medo da perda, mas sabe que faz parte e como teve esse terá outro.

Tento-me por a parte em seu ambiente, percebo que há alguns objetos, nada em excesso, o espaço é suficiente para seu trabalho, que não é grande, mas precisa de organização e em fases de produções fartas para exposições podem ficar espalhadas sem nenhum incômodo a ninguém e ao seu prazer. Seu ateliê é um lugar bastante iluminado, com uma janela ampla que recebe visitas de passarinhos a todo o momento para banhar-se na água ali deixada. Todos os móveis são vindos de amigos e aproveitados para guardar seus vários trabalhos em origami e manter seus papéis sem amassar. O espaço ainda



Foto ateliê Alzira Cattoni 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Alzira Cattoni 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Alzira Cattoni 2008, Liliane Santos

permite receber algumas pessoas interessadas em aulas sobre a técnica milenar de dobradura.

Pergunto sobre seus guardados, suas histórias e como ela construiu o seu lugar. Alzira conta que quando chegou trouxe algumas coisas que amava e que considerava essenciais para seu trabalho, outra coisas foi ganhando de amigos e assim o espaço ganhou sua forma. Me mostra um vaso que foi filtro d'água, em sua casa e que traz muitas lembranças, e quando percebeu lá estava ele no ateliê, um lugar tão especial para ela. Também o primeiro quadro com suas gueixas. "Aqui estes objetos me contam e me lembram o que me faz feliz."

"-Aqui posso trabalhar sossegada, é um santuário. Meu ateliê é um refúgio tranquilo, um refúgio em todos os sentidos. Pode ter bagunça, aqui não tem problema."

Percebo que ali, Alzira pode ter seus guardados com seus trabalhos delicados de origami. Ela fez o seu "lugar".



Ateliê Alzira Cattony | foto Liliane Santos 2008



Ateliê Alzira Cattony | foto Lilliane Santos 2008

**QUESTIONÁRIO
RESPONDIDO PELA
ORIGAMISTA ALZIRA CATTONY**

O que significa o ateliê para você?

Um refúgio tranquilo.

O que é e como é SEU ateliê?

Uma sala ampla, só tem duas portas, a da entrada e a do lavabo. Uma janela enorme de parede a parede, com quatro jardineiras externas e dois vasos com samambaias, tão grande que ocupam 1/3 do espaço junto à janela. Móveis são poucos, mas o suficiente, uma poltrona “Mole”, do arquiteto Sergio Rodrigues, uma mesa grande, com tampo de vidro, um rack com o aparelho de som (não sobrevivo sem música), e estantes com muitos, mas muitos papéis.

Qual a sua relação com este espaço?

De altíssimo astral. Aqui sempre me sinto livre e alegre. Tomo meus chás, recebo amigos e me sinto à vontade e nunca sozinha.

Você acredita que este lugar é imprescindível para seu processo criativo?

Sim, ele é muito importante para meu processo criativo. Aqui estudo formas, pesquiso livros e assuntos relacionados, ensaio dobras em novos papéis e assim crio e aprofundo minhas pesquisas.

Você guarda objetos que fazem parte especialmente deste lugar? Que objetos são estes e porque estão lá?

Sim, guardo. A poltrona Mole ganhou de um amigo, especialmente para colocar no ateliê, ah, tinha esquecido, tenho um armarinho com porta de treliça, onde guardo os papéis mais preciosos, são eles fonte de grande inspiração para confecção de origamis, pela textura, tingimento que receberam e estampas que reproduzem desenhos originais japoneses, como você sabe aos papéis são a matéria prima para concretização das minhas criações.

ATELIÊ DE IOLE DI NATALE | A GÊNESE DO TRABALHO



Iole Di Natale, artista plástica. Professora de gravura e aquarela na Faculdade Santa Marcelina/ SP. Com várias exposições pelo mundo. Possui o ateliê calcográfico Iole Di Natale, que em 2009 completa 29 anos, ponto de encontro de vários artistas e grupos de estudos em São Paulo.







Foto ateliê Iole Di Natale 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Iole Di Natale 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Iole Di Natale 2008, Liliane Santos

Iole Di Natale mora no centro de São Paulo numa rua bem agradável, seu ateliê é no apartamento ao lado. Ela me recebe em sua casa, me convida para ir ao seu escritório, o que eu não sabia, também era um pedacinho de seu ateliê, na verdade extensão dele, ou como ela mesma conta, a Gênese de seus trabalhos.

Seu ateliê calcográfico faz 29 anos em 2009, Há alguns anos, ela teve a oportunidade de comprar o apartamento que ficava exatamente ao lado do seu e assim montar seu ateliê que até então ocupava uma sala em seu apartamento. A comodidade de ter um ateliê assim ao lado, trouxe as vantagens de não obter problemas para a dispersão das químicas usadas nas gravuras em metal e que ficam no ambiente e também para ter maior privacidade em sua casa quando recebe visitas, alunos e seu grupo de gravura e aquarela, mas a própria artista conta que tem o benefício de sempre estar muito próxima de suas coisas, livros e trabalhos em andamento.

Já tinha visitado Iole duas vezes antes em reuniões com amigos, e para minha surpresa na verdade não conhecia o todo que era seu ambiente de trabalho. Ela me levou primeiro a parte de seu ateliê que fica em sua casa, parte que eu não sabia e nunca tinha entrado. Ela me conta que passa boa parte do tempo, ali, criando estudos e produzindo seu trabalho. Ela diz:



Foto ateliê Iole Di Natale 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Iole Di Natale 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Iole Di Natale 2008, Liliane Santos

- Aqui é a Gênese do trabalho, desenho, faço minhas anotações, rascunhos e estudos.

Iole

Iole tem uma grande produção artística em várias linguagens: pinturas, aquarelas, desenhos, gravuras, tapeçaria, etc. tudo pode acontecer ao mesmo tempo, com uma organização só dela. A artista caminha por entre sua poética de forma tranqüila, tudo em sua vida cotidiana pode se tornar uma obra de arte, como sua vida íntima com seu companheiro que junto com ela compõe e constrói o seu lugar. Seus objetos nos contam suas obras, são fontes de cor e formas atraentes que nos estimulam e nos faz conhecer cada vez mais a artista e seu trabalho.

Meu olhar se sente curioso e olha o todo com muita alegria, seus objetos e ferramentas de trabalho são bastante organizados, mas estão dispostos de uma forma que se pode ter acesso quando for preciso. Cada coisa ali está para contar-nos algo, são papéis; convites; lápis; cadernos; bibelôs; fotos e trabalhos.

Seu lugar de criação ainda é visitado por um grupo de gravura que passa por lá semanalmente, são obras acontecendo a todo momento com o o grupo que frequenta o espaço para estudos, leituras, o fazer e a impressão das gravuras nas prensas

do ateliê. A marca do uso e das idéias que permeiam e permanecem no ar e é interessante pensar que muitas das coisas que nem percebemos como obras de arte esta surgindo a nossa volta em cada pequeno detalhe selecionada pela artista. Em sua organização e com seus guardados lole esta sempre em um árduo, mas prazeroso, trabalho criativo com constantes transformações e fazeres, que faz nascer lindas obras de arte.



Ateliê Iole di Natale | foto Liliane Santos 2008



Ateliê Iole di Natale | foto Liliane Santos 2008

**QUESTIONÁRIO
RESPONDIDO PELA ARTISTA
PLÁSTICA IOLE DI NATALE**

O que significa o ateliê para você?

Ateliê é estudo de arte, é o lugar onde mora arte. Onde se está física e espiritualmente circundados de arte. Onde se trocam experiências do fazer artísticos com maquinários, instrumentos, livros específicos que contribuem também para a práxis da obra desejada. É o lugar da troca de experiências entre famílias espirituais de vivências artísticas afins.

O que é e como é o SEU ateliê?

O meu ateliê é minha vida, é meu mundo, o ar que respiro.

Ele consta de um pequeno núcleo dentro de minha casa onde nasce a gênese das idéias transformadas em desenho e em aquarelas. Onde ouço música, leio sobre arte e o que interessa no momento permeado do afeto do companheiro e da vida dos fazeres da casa. Gosto de cozinhar e inventar. Tudo aqui é cor e muitas flores, onde na extensão dos meus braços estão os lápis, pincéis, cores em tubo, memórias de fotos, guardados significativos da vida.

O outro ateliê é na porta do lado, todo um pequeno apartamento, e é uma oficina de gravura, sóbria, organizada.

Cada objeto ergométrico na extensão do braço sem desperdício de movimentos.

Há duas prensas calcográficas, uma elétrica para folhas de um metro e uma manual para textos e segue o setor de impressão e bancada com grande vidro martelado para difundir a luz sobre o cobre. Há o setor de deixar de molho os papéis, o setor dos ácidos com dois balancins agitadores de ácido, o setor de limpeza e desgorduramento da placa de cobre, setor da caixa de breu e fixação do mesmo, o chama viva. Há uma sala toda com duas mapotecas, uma mesa tampo sobre elas de 2,50m por 1,20m. Blocos de instrumentos transponíveis para qualquer lugar dispostos em uma sucessão de prateleiras numa parede e uma biblioteca de prateleiras e colunas de metal com aproximadamente 1800 livros catalogados como biblioteca de numeração internacional – a grosso modo é especializada em gravura e em pintura de aquarela- talvez seja uma das bibliotecas particulares mais completa nesses assuntos. No dia de ateliê coletivo aberto a outros gravadores, pessoas fora do ateliê podem vir consultar os livros. É nessa sala que todas as quartas feiras, há 29 anos, por 40 minutos ou uma hora aproximadamente converso sobre arte com o grupo de gravadores artistas que freqüentam. Abri meu ateliê de gravura um dia por semana ao coletivo a artistas que desejam

desenvolver sua obra gráfica, é minha contribuição cultural a sociedade artística brasileira.

Há também um acervo de quase duas mil gravuras originais, sendo mantida a catalogação contínua, por uma das participantes do ateliê.

Qual sua relação com este espaço?

Quando entro neste “ateliê calcográfico Iole” para realizar minhas gravuras ou para pegar algum livro de arte, o tempo fica infinito, não vejo passar e mergulho em êxtase, aliás, aonde vou, sou meu ateliê ambulante, carrego tudo dentro do meu ser e ajo da mesma forma e sou a mesma em qualquer lugar como no ateliê da faculdade Santa Marcelina, o qual ajudei a desenhar e o frequento como professora até hoje.

Foi indispensável à visão organizativa de meu companheiro Federico que prestando atenção de como eu trabalhava, fez o designer e ele mesmo construiu vários móveis e peças. Sinto-me altamente privilegiada.

Você acredita que este lugar é imprescindível para seu processo criativo?

Sim, pois mesmo quando pinto ao ar livre, aqui ou na Itália (que são modos de executar tanto desenhos como aquarelas), levo comigo materiais, tintas, pincéis, papéis, referências como lembranças dos guardados deste espaço.

Nos últimos 20 anos a idéia da poética da seriado de minha obra tem nascido na Itália, mas é aqui que realizo praticamente a execução dos desenhos que desencadeavam as gravuras e aquarelas das series.

Você guarda objetos que fazem parte especialmente deste lugar? Que objetos são estes e porque estão lá?

Basta levantar os olhos de onde estou escrevendo e vejo inúmeras coisas como: à esquerda, vários cadernos de artista – subdivididos em cadernos de construção de imagens em aquarela: cadernos de catalogação com fotos e informações da obra produzida em desenho, gravura e aquarela, caderno de palheta – caderno de bilhetes- blocos de papel de aquarela de diferentes marcas, fotografias com taxinhas presas a prateleira – fotos de flores de nossa casa batida por Federico, arte postal de um amigo- estatuetas dos meus presépios a partir de 1950- Yoko

Ono uma retrospectiva. Latas que contém tintas de aquarela que uso normalmente, caixas e mais caixas com estoque de tintas de aquarela, pincéis dependurados e em potes, canetas, colas, pasta com Xerox e vegetais dos desenhos das séries dos últimos 20 anos – cadernos com flores herborizadas – alguns catálogos que pego com frequência quando quero relembrar algo – viro a cabeça à esquerda e gavetas e mais gavetas com desenhos desde 1962.

Na sala as flores artificiais ganhas na Itália – os touros em escultura presentes meus ao Federico, lembrando datas de aniversários. Escultura de um casal que meu pai comprou na época da 2ª guerra e nos presenteou em 1980. Esculturas variadas que lembram pessoas e lugares que nos presentearam. Porta retratos ganhos com fotos nossas marcando pessoas e momentos.

Enfim, seria longo demais colocar tudo, mas sei muito bem o que tenho e porque lá estão, pois fazem parte de uma vida altamente bem vivida impregnada de energia dos lugares e pessoas que tiveram e tem significado para nós. Outro dia revimos filmes super oito feitos logo que nos mudamos aqui (1973) e outro indo a córdoba na Argentina e nos emocionamos com o registro desta memória viva, é isso que os *guardados* são.

ATELIÊ DE CLÁUDIO BARROS**O MUNDO DE VISITAS DIÁRIAS**

Cláudio Barros, artista plástico. Professor de artes plásticas. Com várias exposições realizadas, seus trabalhos trazem flores e cenas urbanas, pinta com óleo e acrílica sobre tela e madeira, mas também pesquisa vários suportes para as pinturas e gravuras que também produz.







Foto ateliê Claudio Barros 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Claudio Barros 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Claudio Barros 2008, Liliane Santos

O artista me recebe na hora marcada, ateliê explodindo trabalhos novos. Em cima da mesa o livro MATISSE, que esta lendo e diz, saboreando. O espaço de Cláudio é numa pequena casa no mesmo quintal, onde mora. Não é grande, mas se tornou realmente pequena para a quantidade de obras que ali estão e são criadas. Ele trabalha telas com cores feitas por ele mesmo com mistura de pigmentos e aglutinantes. Além de trabalhar com pinturas, ele procura também fazer um pouco de gravura – experimentações e colagens.

Sua nova produção tem ainda um pouco das flores que conheço da antiga série, mas agora aparecem fragmentos de cenários urbanos, as cores mantêm-se as mesmas, mesmo onde carrega com cinza, suas cores ainda são mais quentes.

Cláudio procura trabalhar todos os dias e me conta que mesmo que não vai trabalhar, procura entrar no ateliê e dar uma olhada. Diz:

- Ainda não é o ateliê que tenho ganas, mas me viro bem nele e cada hora mexo nas disposições das coisas, tem muita tela aqui esperando ser trabalhada. Às vezes uma tela pronta acaba se transformando em outra de tanto olhar pra ela e acabar refazendo ou acrescentando algo.



Foto ateliê Claudio Barros 2008, Liliane Santos

Perto da janela tem uma mesa onde pode ficar desenhando, lendo ou resolvendo coisas, nela estão algumas canetas e lápis, papéis em branco, muitos rascunhos de desenho, contas, números de telefone, o telefone e livros...Na parede em frente alguns quadros pendurados recém pintados que ele deixa a vista para poder ir observando e trabalhando no que sente necessidade.



Foto ateliê Claudio Barros 2008, Liliane Santos

Em outra mesa, bandejas usadas como paletas estão sujas e colocadas em cima do balcão junto com muitos pincéis. Na parede uma estante com muitos pigmentos e aglutinantes, tudo ali está um pouco sujo de tinta respingada, mostrando o uso frenético do espaço para suas criações.

Conheço o Cláudio há um tempo, mas foi a primeira vez que visitei seu ateliê, apesar de já apreciar sua obra nunca tinha ido visitá-lo, conhecer seu lugar foi como estender meu conhecimento de seu trabalho, pude realmente sentir a extensão de uma coisa a outra.



Foto ateliê Claudio Barros 2008, Liliane Santos

Seu trabalho vigoroso remete a tudo ali, seus objetos são ferramentas, alguns trabalhos dos filhos que mantém por perto, pincéis, recortes e muitas tintas. Como o ateliê começou a ficar pequeno para seus trabalhos, começou a dispersar seus livros pela própria casa e guardar em outros cantos muitas obras e objetos.



Foto ateliê Claudio Barros 2008, Lilliane Santos

Me conta que pretende mudar logo seu ateliê, fazer alguma reforma para poder ter mais perto seus livros que considera muito importantes e outros objetos que gosta, mas enquanto não pode fazer isso, vai dispersando seus guardados pela casa e guardando suas coisas queridas de forma não ocupar muito espaço.

O artista diz que mesmo sem a reforma esperada enquanto continua pintando e visitando seu lugar com regularidade, para a obra poder acontecer e tornar real as idéias que nascem através do ateliê e pululam a cabeça.



Foto ateliê Claudio Barros 2008, Lilliane Santos



Foto ateliê Claudio Barros 2008, Lilliane Santos



Ateliê Claudio Barros | foto Liliane Santos 2008



Ateliê Claudio Barros | foto Liliane Santos 2008

QUESTIONÁRIO
RESPONDIDO PELO ARTISTA
PLÁSTICO CLÁUDIO BARROS

O que significa ateliê para você?

Ateliê é o lugar do trabalho. É onde eu penso, reflito, e construo os meus projetos. Significa para mim o lugar de exercício da minha vida, ou melhor da minha vocação. Desde que me reconheci pintor o ateliê me acompanha, a existência de um ateliê está sempre presente na minha vida e é talvez o lugar onde passe a maior parte do meu tempo.

O ateliê é um grande instrumento de trabalho, que define o próprio trabalho, como o campo de futebol em relação ao jogador. Não há jogo sem o campo, e é lá que o homem exerce aquilo que o define no mundo. No campo o homem é o jogador. No ateliê o homem exerce aquilo que ele é - artista. É claro que existem artistas que exercem seu trabalho na rua ou em projetos de sítios específicos. Neste caso a obra se confunde com o espaço de ateliê, e quando chega a seu termo o artista tem que buscar outro espaço físico/conceitual para prosseguir. Não acho que nesse caso o artista prescindia de ateliê, mas sim que o seu "ateliê" se desloque para o local da obra, pois que ele vai levar para lá tudo o que precisa, e mesmo aquilo de que no meu caso preciso de dialogar com as coisas do ateliê, aquele artista vai

dialogar com as coisas que talvez tipifiquem o especificamente o lugar físico e conceitual onde irá trabalhar e ou instalas sua obra. A diferença é que o ateliê deixa de ter a função de instrumento para assumir a condição de material expressivo. No caso o suporte.

O que é e como é o SEU ateliê?

O meu ateliê atualmente está numa sala isolada da minha casa com dimensões mais ou menos de 27 m². Lá estão todas as minhas ferramentas e instrumentos de trabalho, os materiais, também muitos trabalhos os que estão em andamento e os que estão arquivados ou simplesmente guardados, são trabalhos de pinturas – quadros de diferentes tamanhos, gravuras, matrizes e estampas, pinturas em papel, desenhos, rascunhos. O espaço , ou parte dele é bastante atulhado dessas coisas todas, no entanto a maior parte da sala é destinada ao trabalho propriamente da pintura então está vazio Trabalho muito com a tela na parede, enfrentando-a de frente na vertical. Por vezes utilizo mesas e até o chão. Mês pigmentos ficam organizados num carrinho de chá com rodas , o que facilita sua locomoção no ateliê. Tenho mesas reversíveis que monto e desmonto quando preciso. Uso mesa para entalhar matrizes de xilo, para escrever, pintar sobre papel (guache aquarela, etc.), e para planejar minhas aulas. Tenho um

banheiro que utilizo também para lavar pincéis. Tenho também um aparelho de telefone, som, para que fique estável nesse lugar para que possa permanecer o máximo sem interrupções eventuais.

Qual sua relação com este espaço?

Acho que é uma relação vital. A história da minha vida se constrói nesse espaço/tempo . Espaço tempo porque não é apenas mais um cômodo da minha casa , mas um espaço vivo que existe em função das minhas ações lá. A vida que é vivida nesse espaço , os pensamentos que tenho os livros que leio e folheio, os desenhos, os escritos, tudo isso vai constituindo um conjunto de experiências, pelas quais eu vou me construindo como pessoa e como artista. Meus filhos em algumas épocas Têm também espaços ou objetos próprios no meu ateliê, para que sejam também deles o espaço, no sentido de a minha relação com meus filhos também passar pelo ateliê. No momento estou vivendo uma crise de espaço com o ateliê. Aliás uma crise um tanto crônica (se é que isto é possível). O espaço está pequeno para as funções, e agora que estou na eminência de construir um espaço novo e bem maior parece que a crise se acentua. Mas isso não me impede de trabalhar, senão que de uma maneira apertada,

limitada, com dificuldade de acessar meus arquivos, visualizar com largueza a produção atual, enfim problemas de ateliê.

Você acredita que este lugar é imprescindível para seu processo criativo?

Sim . Completamente. É claro que se algo acontecer e eu não puder utilizar fisicamente aquele espaço, vou utilizar outro, como já ocorreu de a sala da casa, ou o meu quarto de dormir ser meu ateliê. Quando estiver reformando a casa para construir o novo ateliê , o ateliê atual estará interditado, então estarei envolvido com trabalho de escala reduzida, provavelmente trabalharei sobre papel, ou preparando matrizes de xilogravura, mas conceitualmente o ateliê estará funcionando num outro espaço provisório até que possa instalá-lo novamente em espaço próprio

Você guarda objetos que fazem parte especialmente deste lugar? Que objetos são estes e porque estão lá?

Além de toda parafernália própria do trabalho, instrumentos e ferramentas de toda a sorte, além dos arquivos de trabalhos meus e de amigos, tem algumas coisas que ficam lá esperando que um dia eu lhes dê algum fim, ou não dê nenhum, como peças achadas na rua, pedaços de coisas que não são propriamente um objeto , mas podem vir a sê-lo. Tenho também fotografias, não

falo das de trabalho ou registro, mas de meus filhos, Um carrinho do Lucas que ficou lá e eu gosto de vê-lo, Já mencionei o telefone, livros e catálogos com os quais estou dialogado (não os guardo mais no ateliê, tenho a estante noutra lugar, mas alguns livros ficam lá enquanto têm relação com o que estou pensando no momento.)

Uma coisa que não mencionei, (talvez se refira à questão anterior) mas que é uma característica, tem a ver com a relação com o espaço. Volta e meia, ou melhor, de vez em quando, me envolvo em arrumações e faxina, porque fica impossível fazer qualquer coisa no local devido à profusão de coisas espalhadas por todos os cantos. No entanto quando arrumo e fica cada coisa em seu lugar custo a aquecer de novo o trabalho, já percebi que apenas quando existe uma medida de caos, é que o trabalho flui. Quero dizer que preciso de que as coisas/ quadros mais antigos, fotografias, desenhos, rascunhos, papéis, jornal, livros estejam de certa forma todos ao alcance do olhar imediato, para que não haja interrupção do fluxo de pensamento, e possa me dedicar não a um quadro ou a um desenho, mas ao projeto de trabalho, que deve se dar numa pluralidade. Mesmo que não se efetive visivelmente em várias linguagens ao mesmo tempo, mas que esses liames de idéias permaneçam latentes para que nada se perca, e mesmo que tudo se possa conectar e reconectar, em

função desse projeto que vai se estabelecendo. Por isso o espaço do ateliê é tão vital e não se restringe apenas a dimensão do espaço e sim ao espaço/tempo.

O ATELIÊ DE VALDO RECHELO**A CASA, O GATO E O JARDIM**

Valdo Rechelo, artista plástico. Professor e coordenador de artes visuais na Fundação das artes de São Caetano do Sul e professor de artes plásticas e gravura na FAINC , Faculdades integradas coração de Jesus em Santo André/SP. Com várias exposições pelo Brasil. Seus trabalhos atuais trazem colagens com diversos materiais com temáticas amorosas, eróticas e sacras.







Foto ateliê Valdo Rechelo 2008, Liliâne Santos



Foto ateliê Valdo Rechelo 2008, Liliâne Santos



Foto ateliê Cida Ferreira 2009, Liliâne Santos

O espaço de trabalho de Valdo Rechelo é numa agradável casa, com um pequeno jardim na entrada, não é grande, mas suficiente para os delicados trabalhos de aquarela e colagem do artista. São quatro cômodos divididos com seu gato Fígaro, de 16 aninhos.

No primeiro ambiente estão sua mapoteca com seus trabalhos prontos e vários papéis, também há suas estantes de livros e uma pequena mesa onde pode trabalhar olhando seu jardim e a rua. Na extensão estão a poltrona e sua querida cristaleira, onde guarda as coisas que mais gosta e quer conservar: caixinhas com pequenos objetos; tintas especiais; recortes, materiais específicos; também está lá o lugar de descanso, leitura e bate papo. No antigo ambiente que abrigava uma cozinha estão seus trabalhos em processo, uma bancada com coisas espalhadas, um mural com recortes, seus carimbos, colas, enfim, as ferramentas mais usadas. O cômodo do fundo é usado como sua reserva técnica onde ficam alguns trabalhos, telas, materiais e ferramentas que não estão em uso no momento. No pequeno quintal ao lado da casa, estão o forno de cerâmica que possui algum tempo e alguns outros materiais maiores e onde o Gatinho Fígaro toma seu sol preguiçosamente. Provas de como sua poética passa por várias linguagens para se ratificar e existir.

O ateliê, ele conta, é muito importante para seu



Foto ateliê Valdo Rechelo 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Valdo Rechelo 2008, Liliane Santos



Foto ateliê Valdo Rechelo 2008, Liliane Santos

processo criativo, não só como artista plástico, mas também dentro de seu ofício como professor de artes, pois ali ele prepara as aulas, se entrega a leituras e experimentações para depois poder passar aos seus alunos. Procura ir todos os dias ao ateliê, para trabalhar ou mexer em algo em processo e cuidar de seu gato Fígaro. Quando está trabalhando não gosta de ser interrompido, por isso nem telefone ele tem instalado e procura ir sempre em horários que não será preciso sair rapidamente. Repensa a cada momento o seu espaço, e no momento conta que tem vontade de uma pequena reforma para maior acomodação dos ambientes e de seus trabalhos.

Seu lugar tem uma atmosfera gostosa de estar, lá podemos perceber coisas em andamento, mesmo que sejam pensamentos no ar. Observamos os trabalhos de aquarelas secando na bancada ou seus carimbos descansando na bandeja, guardados que estão esperando o momento certo de acontecer e se revelarem como obra e extensão de sua poética.

Conversar com o artista sobre seu espaço de trabalho é instigante e agradável porque faz ele também se interessar por nichos e objetos como num olhar estrangeiro junto com o meu que ali se entrega a curiosidade e vasculha tudo numa incansável busca pela obra e por seu processo através de seus guardados.



Ateliê Valdo Rechelo | foto Liliane Santos 2008



Ateliê Valdo Rechelo | foto Lilliane Santos 2008

QUESTIONÁRIO
RESPONDIDO PELO ARTISTA
PLÁSTICO VALDO RECHELO

O que significa ateliê para você?

Para mim ateliê é espaço de pesquisa e produção, nele os objetos e mobiliário contam histórias e revelam o cotidiano do artista e que de uma forma ou de outra influenciam na obra.

O que é e como é o SEU ateliê?

Meu ateliê é extensão de minha casa e um local onde me recolho para trabalhar e refletir. Muitas vezes é um refúgio onde fico para ler, brincar com o gato Fígaro ou cuidar do minúsculo jardim, que funciona como filtro do movimento da avenida.

Qual sua relação com este espaço?

Minha relação com o ateliê é muito agradável e saudável uma vez que é lá que meu trabalho se concretiza e onde me cerco de coisas que gosto e acredito.

Você acredita que este lugar é imprescindível para seu processo criativo?

Sim, por todas as razões já citadas.

Você guarda objetos que fazem parte especialmente deste lugar? Que objetos são estes e porque estão lá?

Todos os objetos e móveis do meu ateliê são importantes e cumprem uma função, porém alguns são especiais como a escrivaninha que está comigo desde a infância, a cristaleira que uso como vitrine para guardar e ao mesmo tempo ver os materiais que coleciono para usar em minhas colagens e a mapoteca onde guardo papéis e os trabalhos sem moldura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entrar num espaço especial e particular como o ambiente de criação e falar deste lugar do artista com seus guardados é querer caminhar em estradas por vezes cheias de bifurcações. Alguns podem entender esse espaço somente como um lugar de trabalho, mas isso não explica o porquê desse ambiente nos causar interesses e gerar tantas curiosidades e porque esse território estar sendo cada vez mais admirado e cuidado em exposições, fundações e museus. Acredito que este ambiente é mais que um lugar de ofício, apesar de ser mesmo um lugar de trabalho árduo, mas é também um espaço cheio de histórias, experiências e aonde se realizam varias transformações da poética do artista, são coisas que movem nossas sensibilidades e nos fazem querer usufruí-las.

O espaço que vai se tornando lugar com o que o artista vai se relacionando no seu cotidiano, tudo ali vai construindo memórias e sentidos vários, o ato se conecta com o mundo material e a prática artística e assim a obra acontece para além do materializar.

Portanto, nessa pesquisa muitos recortes no assunto foram sendo necessários, pois muito outros contextos vão se desdobrando com o refletir sobre o lugar e as afeições criadas pelas obras e artistas. Procurei me conservar no construir deste

lugar, especificamente com o olhar sobre seus objetos e ferramentas próprias: pastas, papéis, secadora, pia, torneira, lixo, estantes, mapoteca, gavetas, lixo e todos os guardados “inúteis” que fazem a diferença.

Alguns artistas têm a chance de projetar e construir seu ateliê e o fazem da forma mais coerente com sua linguagem, com salas e ambientes que atendam cada etapa do processo de trabalho, e assim conseguem iluminação e materiais duradouros para aguentar o processo, como um chão de fácil limpeza ou bancadas na altura perfeita. Já outros artistas vão transformando alguns espaços para atender as necessidades com reformas e adaptações, criando dentro das possibilidades o que é necessário e adaptando o que for possível. Alguns muitas vezes não têm espaço específico e próprio para a criação de seus trabalhos, fazendo de lugares alternativos um ateliê, como a sala ou quarto da casa onde moram e outros ainda criam a sua própria leitura do que seria o lugar ateliê, como os cadernos do artista Arthur Barrio, ou as ruas e espaços interdisciplinares como propõe Lisete Lagnado. Cada espaço destes com seus guardados próprios, suas minúcias e verdades, e isso que importa para a criação.

Muito ainda poderia se estender no assunto ateliê, afinal este lugar que tanto nos causa fascínios vai por muitos

entendimentos, com suas variações e propostas. Minha pesquisa se ateve ao aspecto espaço x lugar e como isso se dá, mas muito ainda poderíamos seguir, como por exemplos:

- o ateliê coletivo, com suas marcas e guardados que contam sobre muita gente que ali trabalham e criam;

- o ateliê empreendedor que pode ser além de um espaço para um trabalho individual se transformar em negócio e assim expandir para um processo maior que envolve planejamento e adaptações próprias, como ateliês de costura ou artesanato.

- os ateliês institucionais, dentro de museus, lugares expositivos e escolas de arte, que numa proposta de ação educativa mostra e ensina o cotidiano do trabalho em ateliê e permite o entendimento do ofício artístico e em grupo;

- a montagem de ateliês em escolas de ensino formal, para uma adequação do ensino artístico X sensível num espaço próprio;

- ateliês de criação de escritores, cineastas, músicos, cenógrafos, arquitetos, coreógrafos, dramaturgos, designers, etc. , com suas particularidades, ferramentas e guardados próprios.

Além do não lugar, ou seja o ateliê virtual que também mantém os seus guardados, agora de uma forma completamente

diferente até então usado ou conhecido, pesquisa que pretendo levar adiante como uma nova possibilidade de lugar neste século XXI.

ILUSTRAÇÕES

- capa** . fotos manipuladas ateliê Valdo Rechelo – Liliane Santos 2008
1. 2. 3. Fotos ateliê Pablo Picasso – Gilbert Brassai 1944
 4. Ateliê galpão UNESP | Ipiranga + foto manipulada (foto 1)– foto Liliane Santos 2007
 5. caixa guardados (foto 1 e 2) - ateliê Liliane Santos – foto Liliane Santos 2005
 6. Ateliê Giacometti – disponível em: <http://www.eternalgaze.com/History/> 2009
 7. Ateliê Paul Klee – disponível em: <http://www.paulkleezentrum.ch> 2009
 8. Ateliê Henry Moore – disponível em: <http://www.henry-moore-fdn.co.uk> 2009
 9. Obra carretéis | Iberê Camargo - disponível em: <http://www.iberecamargo.org.br> 2009
 10. Ateliê Factory de Andy Warhol – disponível em: <http://www.warhol.org> 2009
 11. Caixa “guardados” de Andy Warhol – disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/.../ult90u620388.shtml> 2009
 12. Escritório de trabalho Liliane Santos - foto Liliane Santos 2008
 13. Antigo ateliê Liliane Santos – foto Liliane Santos 2005
 14. Ateliê Piet Mondrian – disponível em: <http://www.fiu.edu/~andiaa/cg2/chronos.html> 2009
 15. Ateliê Paulo Bruscky disponível em: <http://www.vividradicalmemory.org/php/work.php?id=93> 2009
 16. 17. Ateliê Luiz Zerbini – livro Ateliês do Rio de Janeiro 2003
 18. Cadernos de Artur Barrio – disponível em <http://arturbarrio-trabalhos.blogspot.com>
 19. Estúdio Richard Eyre - disponível em <http://www.guardian.co.uk/books/series/writersrooms> 2009
 20. Estúdio Mariana Warner - disponível em <http://www.guardian.co.uk/books/series/writersrooms> 2009
 21. Estúdio Peter York - disponível em <http://www.guardian.co.uk/books/series/writersrooms> 2009

22. Cidade de São Paulo vista aérea – disponível em:
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=385584> 2009
23. 24. 25. Ateliê Lucia Py (projeto Outubro aberto) – fotos Liliane Santos 2008
26. Ateliê Thais Gomes (projeto Outubro aberto) – foto Liliane Santos 2008
27. Ateliê Sônia Talarico (projeto Outubro aberto) – foto Liliane Santos 2008
28. Ateliê Thais Gomes (projeto Outubro aberto) – foto Liliane Santos 2008
29. Ateliê Sônia Talarico (projeto Outubro aberto) – foto Liliane Santos 2008
30. Ilustração cartaz do projeto arte na Vila – disponível em:
www.artenavila.com.br 2009
31. Ateliê no projeto arte na vila – foto Luna Vicente – disponível em
www.atelieluna.blogspot.com 2009
32. Foto projeto arte na vila – foto Verônica Kraemer – disponível em:
www.veronica.blogspot.com 2009
33. 34. 35. Ateliê Luis Toledo (abertura fornos Noborigamas/
Cunha/SP)-fotos Liliane Santos 2008
36. 37.38.39. Ateliê Alberto Cidraes (abertura fornos Noborigamas/
Cunha/SP) Disponível em: <http://cidraes.com> 2009
40. Ateliê Tony Gonzato -Projeto aberto Paranapiacaba –disponível em:
www.guiaparanapiacaba.com.br 2009
41. Ateliê residência Paranapiacaba - disponível em:
www.guiaparanapiacaba.com.br 2009
42. Ateliê residência Paranapiacaba - disponível em:
www.guiaparanapiacaba.com.br 2009
43. 44. 45. Embu das artes – disponível em:
www.jornalnhanet.com.br 2009
46. 47. 48. 49. Ateliês em Embu das artes – fotos Liliane Santos 2009
50. Torre Eiffel/Paris – foto Liliane Santos 2009
51. Rua Abesses/Paris – foto Liliane Santos 2009

52. Prédio Tristan Tzara/Montmartre/Paris (detalhe placa informativa) – foto Liliane Santos 2009
53. Desenhando em Montmartre/Paris – foto Marcelo Venturoli 2009
54. Foto de painel ilustrativo – ateliê Brancusi/complexo Museu George Pompidou /Paris – foto Liliane Santos 2009
55. Ferramentas Brancusi expostas no ateliê Brancusi/ complexo Museu George Pompidou/Paris – foto Liliane Santos 2009
56. Foto painel ilustrativo – ateliê Brancusi/complexo Museu George Pompidou /Paris – foto Liliane Santos 2009
57. 58. 59. Ateliê Brancusi/ complexo Museu George Pompidou/Paris – disponível em: www.architecture.about.com 2009
60. 61. Ateliê Brancusi/ complexo Museu George Pompidou/Paris - foto Liliane Santos 2009
62. Ferramentas Brancusi expostas no ateliê Brancusi/ complexo Museu George Pompidou/Paris – foto Liliane Santos 2009
63. ateliê Brancusi/ complexo Museu George Pompidou/Paris – foto Liliane Santos 2009
64. Sala de Monet – Giverny/França – foto Liliane Santos 2009
65. Foto painel fotográfico no ateliê de Monet – Giverny/França – foto Liliane Santos 2009
66. Ateliê de Monet – Giverny/França – foto Liliane Santos 2009
67. Jardim de Monet – Giverny/frança – Liliane Santos -2009
68. Foto do painel fotográfico no ateliê de Monet – Giverny/França – foto Liliane Santos 2009
69. 70. Jardim de Monet – Giverny/frança – foto Liliane Santos 2009
71. 72. 73. Projeto cent quatre - Paris – fotos Liliane Santos 2009
74. 75. 76. 77. Projeto cent quatre - Paris – fotos Liliane Santos 2009
78. Olhares (foto 1 e 2) – foto Liliane Santos 2009
79. Cida Ferreira em seu ateliê – foto Liliane Santos 2008
80. Fotos manipuladas ateliê Cida Ferreira – fotos Liliane Santos 2008
81. Cadernos de artista Cida Ferreira e gatinho Otelo (mascote do ateliê) foto Liliane Santos 2008
82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. Guardados - ateliê Cida Ferreira – foto Liliane Santos 2008

- 90.** Bancada de trabalho de Cida Ferreira – foto Liliane Santos 2008
- 91.** Biblioteca de Cida Ferreira – foto Liliane Santos 2008
- 92.93.94.95. 96. 97.** Guardados Cida Ferreira – fotos Liliane Santos 2008
- 98.** Alzira Cattony em seu ateliê – foto Liliane Santos 2008
- 99.** Fotos manipuladas ateliê da artista Alzira Cattony – fotos Liliane Santos 2008
- 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107.108.** Guardados ateliê Alzira Cattony – fotos Liliane Santos 2008
- 109. 110. 111. 112.** Ateliê Alzira Cattony – fotos Liliane Santos 2008
- 113. 114. 115. 116.** Guardados Alzira Cattony – fotos Liliane Santos 2008
- 117.** Iole Di Natale em seu ateliê – foto Liliane Santos 2008
- 118.** Fotos manipuladas do ateliê de Iole Di Natale – fotos Liliane Santos 2008
- 119. 120. 121.122.123.124.** Guardados Iole di Natale– foto Liliane Santos 2008
- 125.** Iole em seu Ateliê calcográfico - foto Liliane Santos 2008
- 126.** Biblioteca de Iole Di Natale – foto Liliane Santos 2008
- 127.** Ateliê Iole Di Natale – fotos Liliane Santos 2008
- 128.** Matriz gravura em metal de Iole Di Natale – foto Liliane Santos 2008
- 129.** Sala de Iole Di Natale – foto Liliane Santos 2008
- 130.131. 132.** Guardados Iole Di Natale – foto Liliane Santos 2008
- 133.** Cláudio Barros em seu ateliê – foto Liliane Santos 2008
- 134.** Fotos manipuladas ateliê Cláudio Barros – foto Liliane Santos 2008
- 135.** Guardados ateliê Cláudio Barros –foto Liliane Santos 2008
- 136.** Cláudio Barros em seu ateliê – foto Liliane Santos 2008
- 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143.** Guardados ateliê Cláudio Barros – foto Liliane Santos 2008
- 144.** Cláudio Barros em seu ateliê – foto Liliane Santos 2008
- 145. 146. 147. 148. 149.** Guardados ateliê Cláudio Barros – fotos Liliane Santos 2008
- 150.** Cláudio Barros em seu ateliê – foto Liliane Santos 2008
- 151.** Guardados ateliê Cláudio Barros – fotos Liliane Santos 2008
- 152.** Valdo Rechelo em seu ateliê – foto Liliane Santos 2008

- 153.** Fotos manipuladas ateliê Valdo Rechelo – fotos Liliane Santos 2008
154. 155.156. 157.158.159. Guardados ateliê Valdo Rechelo – foto Liliane Santos 2008
160. Ateliê Valdo Rechelo – foto Liliane Santos 2008
161. 162. Guardados Valdo Rechelo – foto Liliane Santos 2008
163. Gatinho Fígaro (mascote do ateliê) – foto Liliane Santos 2008
164. Biblioteca Valdo Rechelo – foto Liliane Santos 2008
165. 166. 167. Guardados Valdo Rechelo – fotos Liliane Santos 2008

BIBLIOGRAFIA

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. BELTRAN Maria Helena Roxo(org.). **O laboratório, a oficina e o ateliê: a arte de fazer o artificial.** São Paulo: Educ. 2002.

AJZENBERG, Elza (org.). **America, Américas: arte e memória.** São Paulo: MAC USP : programa Interunidades de Pós-Graduação em estética e história da arte. 2007.

AYALA, Walmir. **Criação plástica em questão.** Rio de Janeiro: Vozes limitada. 1970.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes. 1989.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade.** São Paulo: Martins Fontes. 1996.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço.** Curitiba: Editora UFPR. 2008.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo:Ateliê editorial. 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das letras. 1999.

BOURGEOIS, Louise. **Destruição do pai, reconstrução do pai: escritos e entrevistas 1923-1997**. São Paulo: Cosac&Naify. 2000.

BRASSAI. **Conversas com Picasso**. São Paulo: Cosac&Naify. 2000.

CARVALHO, Maria Cecília M. (org). **Metodologia científica fundamentos e técnicas – construindo o saber**. Campinas: Papirus. 1989.

CÉZANNE, Paul. **Correspondências**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

CHIPP, Herschel B. **Teorias da Arte Moderna**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor**. São Paulo: Cosac&Naify. 2002.

CRITELLI, Dulce Mara. **Análítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: editora brasiliense. 1996.

DA ROS, Silvia Zanatta. Maheire, Katia, Andrea Vieira (org). **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de publicações. Florianópolis. 2006.

DE MAIS, Domenico. **O ócio criativo**. Entrevista a Maria Serena Palieri. Rio de Janeiro: Editora sextante. 2000.

DELBÉE, Anne. **Camille Claudel, uma mulher**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

DERDYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. São Paulo: Editora escuta. 2001.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac&Naify. 2007.

FRASCINA, Francis (org.). **Modernidade e modernismo: A pintura francesa no século XIX**. São Paulo: Cosac&Naify. 1998.

GENET, Jean. **O ateliê de Giacometti**. São Paulo: Cosac&Naify. 2003.

GIOVANNETTI, Bruno, KIYOMURA, Leila. **Ateliês Brasil: artistas contemporâneos na cidade de São Paulo**. São Paulo: empresa das artes. 2004.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. São Paulo: editora Mestre Jou. 1972. Tomo I e II.

HOLM, Anna Marie. **Fazer e pensar Arte. Museu de arte moderna de São Paulo**. 2005.

KLEE, Paul. **Diários**. São Paulo: Martins Fontes. 1990.

LEAL, Carlos, GUNTILI, Reto, SIMÕES Agi. **Ateliês do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pactual. 2003.

LORD, James. **Um retrato de Giacometti**. São Paulo: Iluminuras. 1998.

MACHADO, Juarez. **Atelier de artista**. Curitiba: Simões de Assis Galeria de arte. 1995.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Cia das letras. 2001.

MATISSE, Henri. **Escritos e reflexões sobre arte**. São Paulo: Cosac&Naify. 2007.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica – A prática de fichamentos, resumos e resenhas**. São Paulo: editora Atlas. 2006.

MIRÓ, Joan. **A cor dos meus sonhos: entrevistas com Georges Raillard**. São Paulo: estação liberdade. 1990.

MIRÓ, Juan Teodoro Punyet. **Miró's Studio**. New York: Assouline. 2004.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** São Paulo: Martins Fontes. 2004.

NESBITT, Kate (org). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica.** São Paulo: Cosac&Naify. 2006.

OBRIST, Hans Ulrich. **Arte Agora! Em 5 entrevistas.** São Paulo: alameda. 2006.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística.** Rio de Janeiro: Editora Campus. 1990.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: editora vozes. 1977.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento:** São Paulo: Ipsi. 1997.

RILKE, Rainer Maria. **Rodin.** Rio de Janeiro: Editora Dumará. 1995.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa – pequena história de uma idéia.** Rio de Janeiro: Editora Record. 1996.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** São Paulo: FAPESP: Annablume. 2004.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes de Criação: construção da obra de arte.** São Paulo: FAPESP: editora horizonte. 2006.

SALZSTEIN, Sônia (org.). **Diálogos com Iberê Camargo.** São Paulo: Cosac&Naify. 2003.

SYLVESTER, David. **Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade dos fatos.** São Paulo: Cosac&Naify. 1995.

SYLVESTER, David. **Sobre arte moderna.** São Paulo: Cosac&Naify. 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel. 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel. 1980.

PLUS, Maurício. **Arquitetura e Filosofia.** São Paulo: Annablume. 2006.

WARNKE, Martin. **O artista da corte: os antecedentes dos artistas modernos.** São Paulo: EDUSP. 2001.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência.** São Paulo: autores associados. 2001.

TEXTOS, REVISTAS E CATALÓGOS

Catalogo 26ª Bienal de São Paulo. Artista convidado. P. 272, 2004

Catálogo outubro aberto. Escritório de arte *RC-bureau d'art*.
Outubro 2007

COSTA, Carolina. Os espaços profissionais, o espaço do designer.
Revista ABC Design, São Paulo, p.21-23, mar. 2007.
ISSN 1676-5656

CORONA, Marilice. Meus documentos: a casa e o espaço da memória. **Revista As partes** - revista do atelier livre da prefeitura de Porto Alegre, Porto alegre, n.2, p. 6-9, primeiro semestre 2007.

Do baú. As relíquias dos herdeiros de personalidades como Tarsila do Amaral e Orlando Villas Bôas. **Revista da folha**. P. 08-14. 21 de junho de 2009.

Historiador "fabrica" dinossauros em São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 jan. 2009. Ciência, p. A10.

LAGNADO, Lisette. Ateliê, laboratório e canteiros de obras. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 jan. 2002. Caderno MAIS!, p. 16-17.

MARTÍ, Silas. Operários da arte. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 fev. 2009. Ilustrada, p.E3.

MARTÍ, Silas. Andy Warhol e a arca perdida. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 set. 2009. Ilustrada, p.E1.

OLIVA, Fernando. As paredes estão ruindo ou sendo pintadas? **Revista Número. Nº4**, São Paulo, 2007. págs.12 e 13.

O que ele vê vira livro. **Jornal da tarde**, São Paulo, 14 de jun. 2009. Variedades, p.1D.

SOARES, Caio Caramico. A casa dos artistas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 dez. 2001. Caderno MAIS!, p.4 -19.

WEB

ALBANO, Ana Angélica. O atelier de arte e a caixa de pandora. I seminário educação, imaginação e as linguagens Artísticos-culturais. 2005. Disponível em: http://www.unesc.net/~gedest/seilacs/pandora_anaangelica.pdf Acesso em: 05 de julho de 2009.

LIMA, Francisco Cardoso, OLIVEIRA, Rosa Maria. Lugar de criação. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/lima-oliveira-lugar-criacao.pdf acesso em: 05 de julho de 2009.

POHLMANN, Angela Raffin. Práticas e experimentações nas interações em um atelier de gravura da universidade. Disponível em: www.redeeducacaoartistica.org/docs/gt_docs/Angela%20Pohlmann.pdf acesso em: 07 de setembro de 2009.

<http://cadernosafetivos.blogspot.com> acesso em 07 de setembro de 2009.

<http://diario-grafico.blogspot.com> acesso em: 05 de julho de 2009.

<http://www.eternalgaze.com/History> acesso em: 07 de setembro de 2009

<http://www.guardian.co.uk/books/series/writersrooms> acesso em: 07 de setembro de 2009

<http://www.henry-moore-fdn.co.uk> acesso em: 07 de setembro de 2009.

<http://www.iberecamargo.org.br> acesso em: 07 de setembro de 2009.

<http://www.paulkleezentrum.ch> acesso em: 07 de setembro de 2009

<http://www.redesdecriacao.org.br> acesso em: 05 de julho de 2009.

<http://www.skineart.com> acesso em: 07 de setembro.

<http://www.wherewrite.org> acesso em: 07 de setembro de 2009.

Área de conhecimento da titulação do Mestrado, conforme
tabela CAPES

ARTES PLÁSTICAS - 80302009